



**UNICESUMAR– CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA  
SAÚDE

***BULLYING FEMININO:***  
**Anotações preliminares em uma escola da rede pública**

**FRANCIS KEILA FERNANDA NANJI GRILLO**  
**PROF. DRA. LIZIA HELENA NAGEL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MARINGÁ/PR**  
**2013**



**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA  
SAÚDE**

***BULLYING FEMININO:***  
**Anotações preliminares em uma escola da rede pública**

Dissertação de mestrado apresentada ao Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde.

**MARINGÁ/PR**  
**SETEMBRO DE 2013**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Grillo, Francis Keila Fernanda Nanci Grillo.

***Bullying feminino***: anotações preliminares em uma escola da rede pública/  
Francis Keila Fernanda Nanci Grillo.  
Maringá, 2013

Dissertação (Mestrado)- Centro Universitário de Maringá- CESUMAR.  
Área de Concentração: Promoção da Saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Lizia Helena Nagel.

1. *Bullying*; 2. Gênero; 3. Feminino; 4. *Bullying* psicológico/relacional



**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA  
SAÚDE

**BANCA DE DEFESA**

---

Profa. Dra. Ana Paula Machado Velho  
UNICESUMAR

---

Profa. Dra. Leonor Dias Paini  
Universidade Estadual de Maringá- UEM

---

Profa. Dra. Lizia Helena Nagel  
UNICESUMAR

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
1.1.OBJETIVOS DA PESQUISA.....	15
1.1.1 Objetivo geral.....	15
1.1.2 Objetivos específicos.....	15
1.2 MÉTODO.....	16
1.3 PARTICIPANTES .....	17
1.4 INSTRUMENTOS.....	18
1.5 PROCEDIMENTOS .....	20
<b>2. DA VIOLÊNCIA E DAS FORMAS DE SUA EXPRESSÃO NA ESCOLA.....</b>	<b>20</b>
2.1 NASCE A PREOCUPAÇÃO COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR .....	20
2.2 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA .....	22
2.3 ENVOLVIDOS NO <i>BULLYING</i> : AGRESSOR, VÍTIMA E TESTEMUNHA .....	24
2.4 TIPOS DE <i>BULLYING</i> .....	27
2.5 <i>BULLYING</i> FÍSICO .....	28
2.6 <i>BULLYING</i> VERBAL.....	28
2.7 <i>BULLYING</i> RELACIONAL/PSICOLÓGICO.....	29
2.8 CONSEQUÊNCIAS GERAIS PROVOCADAS PELO <i>BULLYING</i> .....	31
2.9 PROGRAMAS DE PREVENÇÃO.....	33
<b>3. DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....</b>	<b>39</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>75</b>

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- <i>Bullying</i> físico.....	43
Tabela 2- <i>Bullying</i> Verbal .....	46
Tabela 3- <i>Bullying</i> Psicológico.....	48
Tabela 4- <i>Cyberbullying</i> .....	51
Tabela 5- Depoimentos sobre a realidade do <i>bullying</i> na escola por depoimentos afirmativos e negativos.....	52

## LISTA DE GRÁFICOS SOBRE O *BULLYING*

<b>Gráfico- <i>Bullying</i> físico.....</b>	<b>59</b>
Questão: (5) Ameaçou Fisicamente com facas, armas, estiletes, canivetes?.....	59
Questão: (12) Bateu, deu tapas, cotoveladas, beliscões, empurrões , chutes?.....	59
Questão: (13) Rasgou roupas, destruiu pertences?.....	60
Questão: (14) Puxou cabelo, deu cusparadas?.....	60
Questão: (15) Tirou lanches, material escolar?.....	61
Questão: (16) Exorquiu dinheiro, ou outro bem? .....	61
Questão: (17) Brigou por causa de namorado?.....	62
Questão: (25) Estragou pertences particulares?.....	62
Questão: (26) Furtou bens de colegas?.....	63
Questão: (27) Promoveu vandalismo na escola?.....	63
<b>Gráfico - <i>Bullying</i> Verbal .....</b>	<b>64</b>
Questão: (1) Fez acusações Injustas?.....	64
Questão: (2) Xingou, humilhou?.....	64
Questão: (3) Medo de ser xingada, rebaixada?.....	65
Questão: (8) Criou, deu apelidos ridículos?.....	65
Questão: (9) Cochichou, espalhou boatos?.....	66
Questão: (11) Passou trotes por telefone?.....	66
<b>Gráfico - <i>Bullying</i> Psicológico.....</b>	<b>67</b>
Questão: (4) Prometeu Vingança? Ameaçou? .....	67
Questão: (6) Ameaçou alguém por telefone, celular, e-mail? .....	67
Questão: (7) Ameaçou alguém por causa do namorado? .....	68
Questão: (10) Tirou sarro, riu propositalmente de outras?.....	68
Questão: (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la?.....	69
Questão: (19) Excluiu alguém de seu grupo? .....	69
Questão: (20) Ignorou a pessoa antes conhecida (ou) amiga?.....	70
Questão: (21) Afastou alguém do grupo por preconceito de beleza, obesidade, raça condição social?.....	70
Questão: (22) Rompeu com amizades antigas?.....	71
Questão: (23) Cochicou, falou pelas costas?.....	71

Questão:(24) Impediu colegas de atividades festivas, esportivas?.....72

Questão: (28) Espalhou mentiras, fez denúncias falsas, acusou injustamente?.....72

**Gráfico - Cyberbullying**.....73

Questão: (29) Já postaram no celular, na internet ou no Facebook fotos deformadas das colegas para gozação?.....73

Questão: (30) Já postaram no celular, na internet ou no Facebook fotos que humilham mostrando a intimidade, cenas da vida privada das pessoas?.....73

Questão: (31) Já fez denúncias anônimas?.....74

## RESUMO

Nesta pesquisa, o propósito foi identificar e descrever as formas e os tipos de *bullying* (psicológico, físico, verbal e virtual) praticados por trinta e duas alunas do nono ano de uma escola da rede de Ensino Fundamental do Estado do Paraná, na cidade de Maringá, na faixa etária de treze anos, segundo o depoimento das próprias meninas. O estudo é de caráter exploratório e teve como objetivo permitir conhecimentos que permitissem abordagens futuras mais precisas, uma vez que poucos são os estudos que focam o *bullying* com base em depoimentos exclusivos do gênero feminino. Um questionário fechado, com itens expressivos dos comportamentos de maus tratos mais comuns, já identificados pela literatura, aponta para contradições nas informações prestadas pelas alunas, embora permita identificar as agressões verbais e psicológicas como os tipos de violência mais cometidos pelas adolescentes. Com tais resultados, destaca-se a importância de avançar nas investigações sobre a matéria.

**Palavras-chave:** violência escolar – violência de gênero - *bullying* feminino.

## ABSTRACT

In this research, the purpose was to identify and describe the forms and types of bullying (psychological, physical, verbal and virtual) practiced for thirty-two students of the ninth year of a school's network of Primary Education of the State of Paraná, in the city of Maringa, aged thirteen, according to the testimony of the girls themselves. The study is exploratory in nature and was designed to provide knowledge that would enable future approaches more accurate, since there are few studies that focus on bullying based on exclusive interviews females. A questionnaire with items of expressive behaviors of abuse more common, as identified by literature, points to contradictions in the information provided by the students, although identifying verbal attacks and psychological as the types of violence committed by most teenagers. With these results, we highlight the importance of progress in the investigation into the matter. relation a many kinds of violence identified like common the female gener sex.

Key-word: School violence, gener's violence, female *bullying*.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a violência aumentou no âmbito escolar e, hoje, apresenta-se como um problema de saúde pública<sup>1</sup>. Seu alto índice fez com que os profissionais da educação e pesquisadores tenham voltado seu olhar para o assunto, intensificando, assim, as discussões em relação ao tema.

No Brasil, frente ao crescimento da violência nos registros oficiais, os depoimentos da Ministra da Secretaria de Direitos Humanos, Maria do Rosário Nunes, precisam ser lembrados. Diz ela que, entre janeiro e novembro de 2012, no espaço de onze meses, as denúncias sobre a violação dos direitos humanos aumentaram em 77% em relação ao mesmo período em 2011. Se, em ano anterior, foram registrados 87.764, o ano de 2012 apontou para a totalidade de 155.336. Diante desse resultado, ela pondera que atos contrários à vida de qualidade, à democracia ou à justiça estão deixando de ser invisíveis, o que permite pensar em uma maior conscientização dos cidadãos sobre atitudes ou comportamentos desagregadores da sociedade<sup>2</sup>.

Concordando com Miriam Abramovay (2002) que não desvincula a conscientização dos acontecimentos violentos concretos da realidade, aponta-se para o que efetivamente acontece na escola. No Brasil, principalmente a partir do início do século XXI, a escola passa a ser identificada como um local onde os mais diversos comportamentos destrutivos se apresentam: violência contra o professor, violência contra os pares, violência como vandalismo. Entende-se, pois, que os registros sobre violência devem ser analisados como procedimentos graves e complexos e não apenas como dados reveladores de maior maturidade ou de conhecimento sobre os direitos humanos.

A escola, ao defrontar-se de modo crítico com o avanço da violência, termina por expor publicamente a angústia de alunos, de pais e de professores. Acentua-se, nessa circunstância, na rede de ensino, a necessidade de entendimento da violência (com suas inúmeras variáveis) para o encaminhamento de possíveis estratégias de superação do problema. Com essa intenção é fundamental para o cotidiano do sistema escolar, ou das suas instituições, a preocupação mais imediata com os

---

<sup>1</sup> Vide o documento do Ministério da Saúde Impacto da violência na saúde dos brasileiros . (2005)

<sup>2</sup> IN: [www.mulheresnopoder.com.br](http://www.mulheresnopoder.com.br), em 13.02.2013, às 11 h (Ver o trecho divulgado em 2012. Cópia nossa)

conhecimentos específicos sobre a violência e o domínio do significado do *bullying* em todos os seus desdobramentos.

Sem excluir outros tipos de violência na escola, o *bullying* é uma das formas que vêm aumentando de forma significativa. Ele é definido, de modo amplo, como um comportamento agressivo intencional, repetitivo e se expressa de distintas maneiras. Segundo Carpenter e Ferguson (2011) é gerado pelo desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima. A forma mais comum é aquela que se expressa pela agressão física, sem esquecer as outras que podem ser classificadas como ameaças de cunho não-físico, interessadas na destruição do outro pela via emocional ou psicológica.

Entre os docentes, as interrogações mais comuns sobre a violência nas escolas, sem negar o vandalismo, a destruição do patrimônio público, a presença de gangues e galeras no entorno das escolas, o crescimento das drogas dentro das instituições, são aquelas mais interessadas em entender e em eliminar as agressões entre os alunos, materializadas no *bullying físico*, que é a violência imediatamente perceptível.

A sociedade, também mais preocupada com o *bullying físico*, interessa-se pelas características dos agressores, das vítimas e dos participantes, às vezes questionando as consequências desses atos que se concretizam objetivamente. A preocupação com as agressões físicas nas instituições educativas também leva professores, pais, entre outros elementos da comunidade, a apelarem para o Conselho Tutelar e/ou para o Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPEC), criado em 1994 pela Polícia Militar do Paraná, que tem o interesse em reduzir a violência e a criminalidade nas escolas e nas suas proximidades.

Os problemas sobre a violência escolar, sempre presentes nas reuniões dos professores, geralmente, reduzem-se às dificuldades que eles encontram no tratamento a ser dado ao *bullying físico*. Este se caracteriza, segundo Beane (2010) “pela pancadaria, por chutes, pontapés, rasteiras, socos, tapas, puxões de cabelo, beliscões” (p.19-20). Práticas que são consideradas, pela opinião comum, como naturais, ou melhor, como típicas do sexo masculino<sup>3</sup>, embora a imprensa falada e escrita venha apresentando fatos que revelam as mulheres envolvidas também em agressões físicas na atualidade.

---

<sup>3</sup> Os estudos desenvolvidos enfatizam o *bullying* entre os meninos, não só identificando o tipo de agressão realizada como mostrando a incidência delas. Ver Fante (2005), Francisco, M., Libório, M.J.C. (2009).

A preocupação com o *bullying* verbal, ou com as palavras usadas intencionalmente para ferir os colegas, é bem menor. Comparado às preocupações com o *bullying* físico, o *bullying* verbal, embora muito frequente nas escolas, tem menor interesse pedagógico. Como exemplo, o linguajar dos alunos como xingamentos, apelidos maldosos, ironias, frases humilhantes, desaforos, são comportamentos, da mesma forma, facilmente atribuídos aos meninos e considerados “normais”, desde que proferidos pelo sexo masculino (BANDEIRA, 2010). Isso porque a cultura permite comportamentos mais agressivos, entendendo a coragem em afirmar-se, a vontade de poder, ou de mando, como valores considerados importantes para que os homens vençam na vida.

Na verdade, as práticas que caracterizam o *bullying* verbal, além de mais difíceis de serem percebidas pelos adultos que cercam os jovens nas escolas, são pouco estudadas pelos pesquisadores<sup>4</sup>. Esse tipo de *bullying* é, muitas vezes, justificado por pais, mães e professores como “coisas de menino”. São vistos como “atos de coragem” ou típicos de uma idade que necessita chamar a atenção, o que facilita a proliferação desse tipo de incivilidade e o número pequeno de observações docentes sobre tais comportamentos.

O dado novo que aparece na escola, no entanto, é que tanto o *bullying* físico como o *bullying* verbal já não são de domínio masculino. As agressões entre as meninas já vêm sendo apontadas pela imprensa e documentadas pela Internet, pelo YouTube, enfim, pelos meios de comunicação. As jovens se mostram capazes de maus-tratos físicos, aumentando a perplexidade dos docentes que ainda conservam, a grande maioria, uma imagem feminina já não mais existente. A “pancadaria” agora presente nas escolas, garantida por garotas, dentro e fora dos seus muros, passa a registrar um novo perfil de mulher que se assume, também, como “valente”, “corajosa”, “poderosa”, “sem medos” e que precisa ser investigado caso se queira pensar e implantar estratégias de contenção da agressividade nas instituições.

Mas, se o *bullying* físico, tanto o praticado por meninos como por meninas, pode ser apresentado na televisão, nos vídeos, nas redes de relacionamento, dificilmente, atos que correspondem ao *bullying* verbal podem ser objetivamente demonstrados. Da mesma forma, os professores não conseguem, com desenvoltura, perceber as ameaças, os xingamentos, as depreciações feitas aos

---

<sup>4</sup> No espaço entre 2008 e 2012, um levantamento sobre as pesquisas publicadas no Brasil sobre o *bullying*, via Scielo, revela que o número de estudos sobre a violência enquanto ligada ao gênero feminino é escassa, ou melhor, insignificante.

colegas por colegas e, tampouco, registrar a frequência desses atos, o que caracterizaria a sistemática intencionalidade em ferir o outro.

Se, na escola, é muito difícil detectar o *bullying* verbal, o que não dizer, do que foi denominado por Beane (2012) como *bullying* psicológico, também conhecido como relacional ou social, que se qualifica por ações mais “silenciosas” que asseguram a exclusão de pessoas de grupos, sem que as vítimas consigam identificar nem os fins, nem as justificativas para os isolamentos impostos, tampouco, os meios que, utilizados, passam, muitas vezes, despercebidos pelas vítimas.

Conforme Siqueira *et. al* (2012), constata-se que não só são escassos os estudos sobre a percepção dos professores sobre a violência na escola, detecta-se a paralisia dos docentes frente a essa realidade ameaçadora. Seja pela força dos valores culturais em voga, por despreparo, pelo limite da bibliografia que chega até aos profissionais em exercício, o fato é que eles não se sentem em condições de perceber imediatamente os abusos de poder dos alunos, conseqüentemente de elaborar programas de prevenção destinados à superação dos comportamentos indesejados.

Como já se descreveu, mais conscientes e ativos frente ao *bullying* físico os professores, mesmo reconhecendo a existência do *bullying* verbal são menos capacitados para lidar com esse tipo de violência (SIQUEIRA; ALVES; LEÃO, 2012), devido às dificuldades inerentes a sua apreensão.

Ora, se o *bullying* verbal ainda não conta com professores habilitados, ou sensíveis, para impedir o seu avanço, pois esse é, geralmente, considerado normal, ou assumido como natural na maioria das relações entre estudantes, o que não dizer da atuação dos docentes frente ao chamado *bullying* psicológico, social ou relacional, que se expressa pela manipulação de informações, pelo constrangimento exercido dentro do grupo do qual a vítima faz parte. Violência que implica em métodos mais sofisticados de perseguição e de resultados psicológicos mais graves, tais como destruir e manipular relacionamentos, destruir reputações, excluir indivíduo de um grupo, gestos ameaçadores, bilhetes com mensagens ofensivas, constrangimento e humilhação, espalhar rumores maliciosos (CARPENTER e FERGUNSON, 2011). Procedimentos perversos que, tendo pouca visibilidade, tornam as vítimas mais abandonadas e com sequelas muito duradouras (BEANE, 2010).

Nesse quadro, o professor, para o enfrentamento desse tipo de *bullying*, está desamparado tecnicamente. Nas revistas científicas publicadas da área de educação, da psicologia ou mesmo da saúde, não se encontram, com facilidade, textos que explorem fundamentalmente o *bullying* social<sup>5</sup> que se caracteriza pela destruição das relações afetivas, atuando diretamente no campo das reações psicológicas. Esse *bullying*, que se realiza na destruição de afetos, que produz desgastes emocionais imediatos (não imediatamente visíveis), de difícil reconhecimento, inclusive por parte dos que ficam próximos da vítima, ainda não está sendo objeto de um maior número de pesquisas.

O maior interesse investigativo ainda permanece, no Brasil, sobre o percentual de agressores, de agredidos, de sujeitos alvos/autores, de testemunhas que já vivenciaram formas diversas de violência na escola. Há, da mesma forma, preocupação com as características dos agressores, dos agredidos, das testemunhas, dos prováveis fatores que levam ao comportamento *bully*, assim como as prováveis consequências desses atos pouco civilizados. Preocupação geral que encontra fartos subsídios nos livros já publicados e/ou traduzidos no país a partir do ano 2000.

O *bullying* que se efetiva pela exclusão apenas desponta com maior agudeza no livro ***Garota fora do Jogo*** (2004) de Rachel Simmons<sup>6</sup>, sem pretensão de fazer ciência no modelo clássico, ou de sujeitar-se aos rígidos cânones da pesquisa científica, expõe, nessa obra, de modo muito particular, “*a cultura oculta da agressão das meninas*”.

A nossa cultura nega às meninas o acesso ao conflito aberto, e impõe à agressividade pelas formas não físicas, indiretas, dissimuladas. As meninas usam a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico nas vítimas. Diferentemente dos meninos, que tendem a provocar e a praticar o *bullying* com conhecidos ou estranhos, as meninas, com frequência, atacam dentro de um círculo bem fechado de amigas, tornando a agressão mais difícil de identificar... (SIMMONS, 2004, p. 11).

---

<sup>5</sup> Essa informação tem por base os estudos preliminares feitos pela pesquisa **Pensamento Educacional Brasileiro & Violência Escolar**, financiada pela FUNADESP, ainda em execução, e de autoria de Lizia Helena Nagel.

<sup>6</sup> SIMMONS é americana e foi premiada com a Bolsa Rhodes, conhecida como de pós-graduação, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, e vem se dedicando a estudos sobre o *bullying* entre as meninas, realizando workshops, dando entrevistas e escrevendo livros sobre o relacionamento das jovens na atualidade.

A violência feminina pouco pesquisada, de difícil exploração por estar baseada em atitudes pouco explícitas, enfim, por sua complexidade, aponta para a necessidade de constantes investigações sobre o tema. Sugere, também, estudos para a criação de instrumentos capazes de medir os atos discriminatórios desse tipo de *bullying*.

Admitindo, como Lopes Netto (2005), que o *bullying* feminino expressa as formas mais sutis de raiva e/ou de violência, e aceitando a declaração de Simmons (2004) que o registra como atos dissimulados por aparente doçura, considera-se importante penetrar nesse mundo feminino ainda não contemplado por pesquisas sistemáticas.

Com essa proposta, o presente estudo se propôs a explorar o universo feminino no espaço da violência escolar pela voz das alunas de uma escola de periferia da cidade de Maringá.

## 1.1. OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.1.1 Objetivo geral

Identificar e descrever a ocorrência das condutas agressivas mais frequentes postas em prática pelo sexo feminino, em uma escola da cidade de Maringá, da rede de Ensino Fundamental do Estado do Paraná, nos nonos anos, contribuindo para o conhecimento sobre o *bullying* em sua variável de gênero, produzindo informações aos professores sobre as características da violência nas alunas adolescentes, com base nas informações das respondentes. .

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar e/ou reconhecer, por frequência simples, as respostas dadas pelas alunas, frente às interrogações sobre a prática do *bullying* físico, verbal, psicológico/social e sobre o *cyberbullying*, coletadas como depoimentos pessoais;
  - Identificar se as agressões das adolescentes estão mais ligadas ao que se denomina *bullying* verbal, psicológico/social ou relacional, (que atinge de imediato as emoções dos sujeitos agredidos), ou se estão mais ligadas ao *bullying* físico, expresso por agressões materiais;
  - Identificar, reconhecer e relacionar as respostas dadas à alternativa ou à opção apresentada em todas as perguntas – já fiz, já pratiquei, ou já me comportei assim – com a consciência presumível de responsabilidade pessoal,
- .
- .

## 1.2 MÉTODO

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se por um estudo exploratório, uma vez que permite:

(...) aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar em estudo posterior, mais estruturado” (...) [e é necessário para a obtenção da experiência que auxilie a formulação de hipóteses significativas para pesquisa mais definitiva. (SELLTIZ, JAHODA, DEUTSCHE, COOK , 1967, p. 60-61,).

A investigação, assim, toma o carácter de um estudo que se propõe a aumentar os conhecimentos até então disponíveis sobre o *bullying* praticado pelo sexo feminino, considerando que se desconhece trabalhos de pesquisa que privilegiem o discurso das mulheres sobre essa questão.

Com a intenção de aumentar os conhecimentos para dar suporte a outras pesquisas futuras, o levantamento dos hábitos e/ou dos tipos de *bullying* concretizados pelas alunas e por elas assumidos foi considerado fundamental para o presente o trabalho. O levantamento de dados foi, portanto, considerado importante, apesar de a literatura já apontar o gênero feminino como aquele grupo humano que se distingue do grupo masculino pela opção por maus tratos mais marcados pela violência psicológica do que pela violência física.

Nessa perspectiva, o interesse estabeleceu-se, em definitivo, em descobrir, pela voz das próprias alunas, as formas de relacionamento aversivo/excludente e a incidência desses comportamentos considerados incivilizados nas meninas do 9º. ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual da Cidade de Maringá, do Estado do Paraná.

A escola foi selecionada por ser da periferia de Maringá e por ter sido classificada, pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), com o menor indicador de qualidade do ensino das escolas públicas da cidade, ou seja, com o indicador de 4,68. \* Essa escola, segundo dados da secretaria da instituição, recebe filhos de famílias de classe média baixa que, segundo o DIEESE<sup>7</sup> (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), encontram-se na faixa de três a cinco salários mínimos. A média de idade das alunas – sujeitos da pesquisa - é de treze anos e meio.

---

<sup>7</sup> <http://www.dieese.org.br/> Acesso em 10 de junho de 2013.

Inicialmente, o projeto tinha como pretensão obter e comparar as respostas das alunas dessa escola com outra, selecionada por estar situada no centro da cidade e por ter sido classificada pelo Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB) com o indicador de melhor qualidade entre todas as escolas de Maringá. Essa proposta investigativa, que pretendia trabalhar com dados de duas escolas já diferenciadas pelos resultados do IDEB, não foi possível por um motivo básico: as alunas da escola central não se apresentaram no dia estimado para a coleta de dados, uma vez que a direção desse estabelecimento só as liberou caso comparecessem fora do seu horário de atividades curriculares, o que as fez decidirem pelo não comparecimento.

Dada a impossibilidade de estudo com um conjunto maior de dados, a pesquisa limitou-se a uma única escola em função de que o cronograma para sua execução não poderia ser postergado.

Nesse limite, o estudo registra apenas os dados obtidos em uma única escola e descreve os diversos atos e/ou as formas de *bullying* ativadas pelos sujeitos da pesquisa, registradas, quantitativamente, por meio de um questionário com questões fechadas de múltipla escolha.

### 1.3 PARTICIPANTES

Os participantes dessa pesquisa foram as meninas matriculadas nos nonos anos do Ensino Fundamental, nos três turnos (matutino, vespertino e noturno) de um colégio estadual situado na periferia da cidade de Maringá. A idade média das alunas desses três turnos, segundo dados obtidos na secretaria da escola, é de treze anos e meio.

Os critérios para identificação dos sujeitos da pesquisa foram definidos a partir da opção pela amostra por conveniência. O interesse em garantir uma participação regida pelo interesse e/ou pelo prazer em contribuir com uma pesquisa sobre o “perfil da aluna da escola” (conforme se revelou aos sujeitos da pesquisa antes do preenchimento do formulário) orientou a opção por esse tipo de amostragem. Da mesma forma, a opção por um estudo exploratório – interessado em obter mais informações sobre o tema pouco explorado – também justificou a opção pela amostra por conveniência.

As alunas, autorizadas pelos pais, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se dispuseram a responder ao questionário da pesquisa, em dia, hora e local marcados (dentro da Instituição escolar), compareceram em número de 32. Número expressivo caso se leve em consideração que o total do sexo feminino nessas três turmas era de 48 meninas.

#### 1.4 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados, elaborou-se um questionário fechado, com 31 questões, de múltipla escolha, com quatro alternativas de opção, que não se excluíam mutuamente e que deveriam ser assinaladas por um X. Vinte e oito questões foram elaboradas de acordo com os comportamentos considerados padrão dos diferentes tipos de *bullying* (físico, verbal, psicológico e/ou relacional), segundo Beane (2010), Carpenter e Ferguson (2011) e Fante (2005).

Das 31 questões, 28 ficaram assim distribuídas: 12 com itens típicos do *bullying* psicológico e/ou relacional; 10 com itens relativos ao *bullying* físico; 6 com itens relativos ao *bullying* verbal; 3 com itens expressivos da violência virtual, denominada de *cyberbullying* (uso do celular, da *Internet* ou do *Facebook* para agredir colegas).

A inexistência de instrumentos, já reconhecidos e/ou validados cientificamente, para mensurar o que a pesquisa pretendeu determinar, levou a elaboração do questionário, pela orientadora e orientanda, nos limites da literatura encontrada. Esse instrumento busca saber quais comportamentos ou atitudes fazem parte da prática (diária) das alunas na escola. As questões privilegiam, assim, ações que – afirmadas como existentes na instituição de ensino, ou assumidas como executadas pelas respondentes – mostram os comportamentos que determinam exclusão ou isolamento de pares no ambiente institucional.

Com o objetivo de evitar possíveis vieses contidos nas questões, de corrigir possíveis falhas existentes quando da formulação dos itens, o questionário foi encaminhado a cinco professores do último ano do Ensino Fundamental, de cinco escolas públicas, que também apresentavam, tal como a escola pesquisada, baixo Índice de Desempenho dos Alunos (conforme dados do IDEB). Tais professores aprovaram o instrumento sem sugestões, quer de acréscimo de itens, quer de conteúdos.

## 1.5 PROCEDIMENTOS

Selecionada a escola como portadora de proficiência com índice mais baixo em relação aos obtidos pelas demais escolas de Maringá, entrou-se em contato com o Diretor e os Coordenadores Pedagógicos dessa instituição para avaliar o grau de interesse no projeto de pesquisa. Revelado o interesse, os responsáveis forneceram o número de alunos e horários, apresentando disponibilidade de espaço interno para todos os encontros que fossem necessários com as alunas.

Como decorrência, foi agendado, com a direção da escola, o dia e o horário para entrega às alunas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que as informou sobre os objetivos da pesquisa e os direitos delas como participantes. Foi, também, dado a conhecer que a pesquisa era voluntária e anônima, enfatizando-se, nesse momento, que a participação somente seria possível se os pais, ou responsáveis, assinassem a autorização para as jovens se tornarem respondentes. Da mesma forma, muito se valorizou a contribuição que elas poderiam oferecer à escola ao revelarem o cotidiano das adolescentes no espaço escolar.

Em dia posterior ao primeiro encontro com as jovens, agendado também previamente com a direção da instituição, houve uma nova reunião, na qual foi recolhido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais, autorizando a participação de suas filhas. Somente as alunas que trouxeram a autorização dos pais participaram da pesquisa. Para garantir o anonimato das participantes, os Termos de Consentimento foram recolhidos uma semana antes da aplicação do questionário.

A aplicação do questionário ocorreu na própria escola, durante o período de aula, por interesse mútuo da direção e dos alunos. As alunas que se dispuseram a participar da pesquisa receberam o questionário para respondê-lo na presença da pesquisadora. As alunas responderam a esse instrumento de pesquisa no período correspondente ao seu turno de estudo.

## Revisando a literatura

### 2. DA VIOLÊNCIA E DAS FORMAS DE SUA EXPRESSÃO NA ESCOLA

#### 2.1 NASCE A PREOCUPAÇÃO COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Ninguém nega que a violência sempre existiu com formas variadas. No entanto, a violência entre os alunos em escolas começa a ser motivo de preocupação específica no final do século XX. Foi na Suécia, a partir de 1970, que surgiu o primeiro interesse pelos problemas entre alunos que começaram a ser percebidos pela forma como vinham se relacionando: como agressores ou como vítimas. Tem início, assim, o reconhecimento do aluno valentão, brigão, destruidor de relações, que passa a ser conhecido, na língua inglesa, por *bullie* (FANTE, 2011).

Na Noruega, esse tipo de relacionamento violento entre estudantes, já conhecido por *bullying*, foi, durante muito tempo, preocupação de pais e professores. Mas, somente em 1982, quando três crianças se suicidaram e quando a investigação realizada apontou a causa provável do suicídio - maus-tratos sofridos na escola – o problema começou a tomar maior consistência e os estudos se tornaram mais profundos (FANTE, 2011).

Os estudos a respeito do *bullying* iniciaram de uma maneira mais específica pelo professor Dan Olweus, em 1982. Um questionário - contendo vinte e cinco questões de múltipla escolha, interessado em verificar a frequência, os tipos de violência e os locais de maior agressão - foi aplicado a oitenta e quatro mil estudantes de diversos períodos escolares. É datada, assim, a importância de investigar, no ambiente escolar, os problemas de incivilidade que geram vítimas. No entanto, o interesse das instituições por esse problema cresceu somente em anos posteriores (FANTE, 2011).

Atualmente, o *bullying* tem sido objeto de preocupação mundial. Nos Estados Unidos, a incidência é alta, de maneira que os estudiosos americanos o classificam como um conflito global e afirmam que, se persistir, será grande a quantidade de jovens que se tornarão adultos sem limites (FANTE, 2011).

Debarbieux e Blaya organizadores do livro ***Violência nas escolas- dez abordagens europeias*** (2002), mostram os debates sobre a violência nas escolas da Inglaterra, França, Alemanha, Grécia, Holanda, Espanha, Suíça e Reino Unido (Grã-Bretanha e Irlanda do Norte).

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco pesquisado, não existem indicadores que forneçam uma visão mais abrangente a ponto de os comparar aos demais países. Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância Adolescência (ABRAPIA, 2002) os trabalhos nessa área surgiram, principal e mais recentemente, como reflexo dos trabalhos realizados no exterior. Essa Associação, fundada em 1988 na área pediátrica do Hospital Souza Aguiar, pelo médico Lauro Monteiro, tinha como grande objetivo a divulgação do crescimento da violência em suas diferentes formas com a expectativa de poder preveni-la. Em 2008, cessa essa entidade por falta de apoio governamental, transformando-se em uma Organização Não Governamental (ONG)<sup>8</sup>.

Em 1990, Nancy Cardia coordena a primeira pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em dez capitais brasileiras, ligada ao Ministério da Justiça e assim se expressa:

A inexistência de indignação [frente ao crescimento da violência no país] resulta em que não se tem pressão social organizada para que esse problema seja enfrentado em suas raízes. Ao contrário, a pressão que surge é ocasional, fragmentada, alimentada por uma indignação muito forte, mas de curta duração que segue a algum episódio de violência que chame a atenção da mídia (CARDIA, 1999, p.1).

Ainda que algumas pesquisas realizadas no Brasil mostrem o *bullying* com altos índices, caso sejam comparados com o de outros países europeus, segundo Fante (2011), o atraso nessa área beira quinze anos.

Em 1997, a professora Canfield, usando um questionário adaptado do professor Olwes (1989), identificou comportamentos agressivos em alunos de quatro escolas do Rio Grande do Sul. Em 2002, Canfield pesquisa sobre o *bullying* em escolas municipais no interior de São Paulo, com o intuito de combater os comportamentos agressivos (CANFIELD et al *apud* FANTE, 2005).

Sposito (2001) faz um balanço da pesquisa sobre violência nas escolas, após 1980, e identifica os interesses temáticos desse período com depredações, pichações e agressões entre os alunos. Temas que demonstram, de certa maneira, um pequeno número de problemas face à extensão ou à grandiosidade que a violência tomou dentro das instituições nestes últimos anos.

---

<sup>8</sup> Ver: Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil; Educ Pesq vol.27 n°.1. São Paulo Jan./Jun 2001.

Nessa pesquisa, o autor (2001) também trata das interpretações variadas que são dadas aos problemas e/ou causas da violência. O que permite pensar na ausência de entendimento comum dos estudiosos, não só sobre o significado dos termos, mas sobre os encaminhamentos ou propostas levantadas para a prevenção das dificuldades apontadas.

A partir de meados de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) passou a estimular os países para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz. Esse movimento orquestrado pela UNESCO que contou com a participação financeira dessa instituição em projetos, pesquisas, seminários, tem por objetivo estimular principalmente os docentes a aprofundar o conhecimento sobre a violência e, desse modo, apurar estratégias de prevenção da mesma.

Embora venha se desenvolvendo dentro das escolas um interesse mais definido pelos problemas da violência, principalmente a partir dos últimos anos, conforme Nagel (2013), nem os problemas nem as possíveis soluções estão sob o domínio dos professores em exercício do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

As instituições escolares estão longe de programas de prevenção do *bullying*, tal como sugeriu, ou desenvolveu, o professor Dan Olweus, conforme informações oferecidas não só pelo Núcleo Regional de Educação - NRE (Setor de Ensino) de Maringá como pelos diretores das escolas estaduais dessa cidade.

## 2.2 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

A violência escolar assumiu enormes proporções não somente no Brasil como também no mundo, transformando-se, dessa forma, num problema globalizado, de saúde pública, de interesse da mídia e de preocupação dos estudiosos e dos educadores. Pesquisas, seminários, debates, ao longo dos últimos anos, permitem constatar as dificuldades do sistema educacional em enfrentar as múltiplas dimensões desse fenômeno (SPOSITO, 2011).

As redes de ensino enfrentam diretamente o fenômeno *bullying* que é reconhecido como uma violência entre alunos, sem um motivo aparente, de forma covarde, porque é intencional. Apresenta-se, sempre, numa relação desequilibrada de poder, tira a paz de suas vítimas, causa sequelas físicas e/ou graves consequências emocionais, psicológicas (THOMÉ, 2004).

O *bullying* constitui-se em uma subcategoria bem delimitada de agressão, marcado pela repetição. É caracterizado como um comportamento agressivo e persistente, marcado pela deliberação de causar dano físico ou moral em um ou mais estudantes, percebidos como mais fracos ou com dificuldade de defesa (OLWEUS, 1993, *apud* BANDEIRA; HUTTZ, 2010). Fante pesquisadora brasileira, assim o define:

*Bullying*: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (2005, p. 27).

Costantini também se manifesta de modo similar:

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (2004, p. 69).

A literatura reforça, por diversos autores, que o *bullying* é um tipo de violência com características particulares, praticado a partir de intimidações repetitivas (quer físicas, verbais, sociais/ relacionais), contra uma vítima previamente escolhida por sua fragilidade. Tal como descreve Costantini:

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física ou psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (2004, p. 69).

Para a ABRAPIA (2002) o fenômeno *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que são ativadas sem justificativas por um agressor. Também compreende as ações adotadas por um ou mais estudantes contra outro, causando dor e angústia, sempre executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre pares, no ambiente escolar, e o

desequilíbrio psicológico, são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima com suas consequências danosas e duradouras.

Nesse quadro, os estudantes, crianças e jovens, tornam-se potenciais vítimas de uma violência que é exercida nas instituições encarregadas de educar e proteger os alunos. A escola é reconhecida como o local onde o *bullying* se realiza. Nela convivem diariamente os agressores (os *bullies*), as vítimas e as testemunhas desse fenômeno. A escola é, atualmente, o lugar onde os “tiranos”, “acossadores”, vão exercer sua intolerância. Como lembra Alves (2005, p. 22): “*Bully* é o valentão: um menino que, por sua força e sua alma deformada pelo sadismo, tem prazer em bater nos mais fracos e intimidá-los”.

Ora, se os valentões têm prazer em atacar física e moralmente colegas, assediar, ameaçar, ridicularizar e rejeitar seus companheiros de escola, as consequências dessas atitudes são graves. A saúde dos subjugados fica comprometida, passam a apresentar sinais e sintomas como: enurese noturna, insônia, problemas no estômago e no intestino, transtornos alimentares, irritabilidade, ansiedade, medo, agressividade, autoagressão e suicídio, nesses casos, chamado de bulícidio (LOPES NETTO, 2005).

Valentões e subjugados, agressores e vítimas, juntamente com as testemunhas ou os participantes silenciosos (omissos por deliberação própria ou por ameaças) são os integrantes da escola contemporânea que (ainda) não contempla projetos de prevenção desses comportamentos desviantes da sociabilidade. Importante refletir sobre o que Fante alerta:

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar,... de serem as séries iniciais ou finais, de ser a escola pública ou privada. Isso significa que o *Bullying* acontece em 100% das nossas escolas (2005, p. 61).

### 2.3 ENVOLVIDOS NO *BULLYING*: AGRESSOR, VÍTIMA E TESTEMUNHA

“O *bullying* pode ser conduzido por um indivíduo – o provocador ou agressor – ou por um grupo. O alvo do *bullying* pode também ser um indivíduo – a vítima – ou um grupo”, conforme sintetiza Carvalhosa, Lima e Matos (2002), apoiados em pesquisadores internacionais, como Mellor, Olweus, entre outros.

Os *bullies*, ou os agressores, têm um perfil facilmente reconhecido porque gostam de implicar, provocar, bater nos outros, divertindo-se ou vangloriando-se com essas atitudes. São indisciplinados, têm dificuldades de fazer amigos e quase sempre estão envolvidos com comportamentos de risco como gazear aulas, mentir, roubar, depredar, fumar, beber ou drogar-se (CARPENTER e FERGUNSON, 2011).

Para Lopes Neto (2005), o autor do *bullying* é tipicamente popular, com características agressivas, impulsivo, na maioria dos casos, vê sua agressividade como positiva. É mais forte que seu alvo, sente prazer em dominar, satisfação em controlar e causar danos e sofrimentos a outros.

Para Hutz e Bandeira (2010), o agressor é descrito como aquele que age intempestiva e agressivamente contra o outro, supostamente mais fraco, com o objetivo de prejudicar, machucar, sem nenhum indício de provocação por parte da vítima.

No parecer de Fante (2011), o agressor pode ser de ambos os sexos, geralmente é membro de uma família disfuncional, em que é escasso o relacionamento afetivo. Comumente, o agressor sente-se como mais forte que suas vítimas, mesmo tendo a mesma faixa etária do agredido. Esse brigão tem, como princípio, uma grande necessidade de dominar os colegas, de ameaçar e/ou de se impor pela força, pela coerção.

Quanto aos agressores, Francisco e Libório (2009) lembram que os meninos são geralmente agredidos por meninos, enquanto que as meninas são agredidas tanto por meninas quanto por meninos, ainda que as meninas apresentem formas diferenciadas, mais sutis, de expressar a violência.

Acentuando as diferenças da violência entre os gêneros, Bandeira (2009) lembra que os meninos, mais do que as meninas, utilizam-se de atos mais diretos para o exercício das agressões. Lecannelier et. al. (2011), na mesma direção, afirmam que o gênero feminino utiliza mais a violência social, relacional, ou seja, a agressão indireta, embora não de forma exclusiva.

Bandeira (2009) também reforça que há diferença entre *bullies* masculinos e femininos. Para ele, o *bullying* entre as meninas aconteceria de maneira sutil, quando elas adotam, preferencialmente, os procedimentos de exclusão ou de isolamento de colegas. Ao mesmo tempo, elas tentam persuadir os demais alunos a

agirem da mesma forma, abandonando, difamando e espalhando rumores de quem desejam torturar.

Nesse tipo de violência, as meninas como *bullies* costumam utilizar posturas corporais depreciativas, risos e olhares intimidadores para com a vítima e, quando ela tenta de alguma forma enfrentar as agressões, tomam as formas mais identificadas, ou mais comuns, às do sexo masculino (BANDEIRA, 2009).

Simmons (2004) reforça que o *bullying* indireto, mais comumente praticado pelas meninas, tem como intuito manipular as relações sociais das vítimas com o objetivo de lhes causar sofrimento intenso. Considerando que o convívio, ou o relacionamento social, na vida das meninas é muito mais importante do que para os meninos, pode-se entender a preferência que o sexo feminino confere à violência destinada a destruir relações, excluir ou humilhar pela desaprovação social estimulada (LISBOA, 2005).

Assim como os *bullies* apresentam características que os distinguem das demais, as crianças frequentemente expostas a ações agressivas também possuem características que expressam sua personalidade.

Vítima é aquele que serve de bode expiatório para um grupo. A vítima é um indivíduo ou grupo de indivíduos, com peculiaridades, geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, ou habilidades para reagir (FANTE, 2011, p.71-72).

A autora oferece uma visão mais completa da vítima quando a apresenta com aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, timidez, sensibilidade em demasia, passividade, submissão, autoestima baixa, insegurança, aspectos depressivos, ansiedade e alguma dificuldade de aprendizagem. A vítima tem uma maior facilidade de relacionar-se com pessoas mais velhas, apresenta dificuldade de se impor, tanto verbalmente, quanto fisicamente, e é reconhecida como uma “presa fácil” por outros colegas. É, enfim, uma pessoa tímida, sem maior desenvoltura no discurso, solitária, geralmente provocada, com frequência, sem motivos sérios ou sem justas razões.

O contexto onde vítima e agressor se encontram se chama escola e nesse ambiente não faltam testemunhas, silenciosas ou omissas. A testemunha é

caracterizada como aquele aluno que presencia o ato do *bullying*, sem dele participar ativamente. Uma grande parte dos alunos inserido no âmbito escolar convive com o problema e adota a lei do silêncio, por medo de se tornar a próxima vítima (FANTE, 2011). O que não quer dizer que todos os estudantes não tenham prazer de presenciar agressões inesperadas, uma vez que a violência se banalizou e se tornou um “espetáculo”.

Para Lopes Neto (2005), a maioria dos alunos, de fato, não se envolve diretamente nas práticas de *bullying*, por medo de sofrerem retaliação. Entretanto, a não manifestação contrária das testemunhas, expressivas do descontentamento com os atos de violência, pode ser interpretada, pelos agressores, como uma afirmação de seu poder. Sem maiores pesquisas ou opiniões das testemunhas, dissemina-se a ideia de que a grande maioria desses alunos apresenta simpatia pelas vítimas, não as responsabilizando pelo ocorrido, ao mesmo tempo em que condenam o comportamento dos agressores.

#### 2.4 TIPOS DE *BULLYING*

Nenhuma escola apresenta um único tipo de violência. Os estudos feitos já conseguiram classificar as diversas formas pelas quais as agressões se apresentam. Carpenter e Ferguson (2011) afirmam, por exemplo, que o *bullying* pode ocorrer de distintas maneiras. Pode ser física, verbal, social e/ou psicológica. Reforça o autor, no entanto, que, independentemente do tipo de *bullying*, todos os seus atos carregam humilhação, ameaças, discriminação, exclusão.

O *bullying* ocorre de dois modos, direto e indireto. O direto é quando os ataques são desferidos diretamente à vítima através de apelidos, agressões físicas, roubos, ofensas verbais, sendo mais frequente entre os meninos. O indireto ocorre por meio da indiferença, do isolamento, da negação do outro, difamação mediante fofocas, gestos e posturas depreciativas. Estes comportamentos predominam entre as meninas (LOPES, 2005).

Os maus-tratos podem ser, físicos, verbais ou sociais. Segundo os autores já citados anteriormente, os maus-tratos podem acontecer por meio de distintas formas de agressão, podendo ser classificados como maus-tratos físicos, em que se ataca fisicamente outra pessoa; maus-tratos verbais, chamar por apelidos constrangedores; e maus-tratos indiretos, também chamados de

relacionais/psicológicos, os quais consistem em espalhar rumores pejorativos, excluir socialmente (CEREJO, 1999. *apud* FREIRE et al., 2006).

## 2.5 BULLYING FÍSICO

Descrevendo comportamentos de *bullying* físico, Beane (2011) incluía atitude como bater, dar tapas, empurrões, cotoveladas, chutar, empurrar com os ombros, colocar o pé na frente, beliscar, tomar, roubar, danificar os pertences, restringir, enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário, cuspir, ameaçar e utilizar linguagem corporal intimidadora.

Autores como Carpenter e Ferguson afirmam ser o *bullying* físico o mais notado pelos adultos, sendo motivo comum de suspensão de alunos, bastante divulgado na mídia. “Lembram que os *bullies* agredem suas vítimas com puxões de cabelo, beliscões, empurrões, cuspe, socos, atirando objetos nelas, roubando, escondendo ou destruindo seus pertences, colocando o pé no caminho para que tropecem” (2011, p.37).

Em paralelo, as meninas usam agressões mais simples, como puxões de cabelo, tapas e arranhões. Além disso, o *bullying* físico também pode acontecer mesmo sem agressão física propriamente dita, o agressor pode fazer gestos ameaçando socar a vítima, atirar longe um objeto, como, por exemplo, um livro.

O *bullying* físico também está ligado ao assédio sexual, um *bully* pode realizar ações como levantar a saia de uma menina, baixar as calças de um menino, beliscar o traseiro de alguém, passar a mão nos seios de uma garota, puxar seu sutiã (CARPENTER e FERGUNSON, 2011).

## 2.6 BULLYING VERBAL

O *bullying* verbal, utilizado tanto por meninos quanto por meninas, é um tipo de hostilidade, ou ofensa, pela qual o agressor perturba verbalmente a vítima, por meio de insultos e provocações. De acordo com Beane (2011), no *bullying* verbal, não acontecem agressões físicas. No entanto, algumas vezes, ele pode ser mais doloroso que o físico, pois as palavras podem ferir mais que qualquer tipo de violência física. Inclue atitudes como apelidos ofensivos, comentários insultuosos e

humilhantes, provocação repetida, comentários racistas e assédio, ameaças e intimidações, cochichos pelas costas.

## 2.7 BULLYING RELACIONAL/ PSICOLÓGICO

Quando se pensa a respeito de *bullying*, o primeiro pensamento é de maus-tratos físicos e verbais. Entretanto, existe a agressão relacional/psicológica que se caracteriza por comportamentos como os de destruir e manipular os relacionamentos, as reputações, utilizando fofoca, mentiras e rumores sobre o outro, excluindo, assim, a criança ou o jovem de um grupo social. Provocar na vítima constrangimento e humilhação, por meio da linguagem corporal negativa, por gestos ameaçadores, pichações ou bilhetes com mensagens ofensivas também são exemplos deste tipo de *bullying*. E nesse quadro tem o *cyberbullying* em que a internet é utilizada para espalhar mensagens, fotos, emails, depreciando e humilhando as vítimas desse tipo de agressão (BEANE, 2011).

Carpenter e Ferguson (2011) sublinham que o *bullying* social/relacional ocorre quando a vítima é humilhada ou depreciada na presença de outras pessoas, como colegas ou amigos. Esse tipo de *bullying* é mais comum entre as meninas, sendo devastador para sua autoestima. Eis algumas das características do *bullying* relacional/psicológico:

Ouvir risadinhas enquanto anda pelo corredor da escola, perceber que todos se levantam e saem quando ela se senta à mesa do refeitório, isolar a vítima e convencer os outros a fazer o mesmo, espalhar mentiras para que os outros excluam ela do grupo, ignorar, manipular os colegas para que ela seja rejeitada pelos colegas, silêncio inesperado quando a vítima chega, inventar coisas, passar bilhetes pela classe, fazer caretas ou gestos obscenos para a vítima, rir, tirar sarro, falar mal pelas costas (CARPENTER e FERGUNSON, 2011, p.38- 39).

As ações como essas geram grandes prejuízos à vida do adolescente, pois esta é a fase na qual ele necessita ser aceito e apreciado. O *bullying* social/relacional é um dos mais marcantes, pois é presenciado por todos e, geralmente, é praticado por meninas. As meninas, nesse caso, agem por meio de atitudes humilhantes, rindo, tirando sarro, implicando com o aspecto físico da outra, fazendo troça de suas roupas, de seus sapatos, da maquiagem, etc. Dentro desse

tipo de *bullying*, existe uma subcategoria que acontece quando as meninas, apontando para uma vítima, olham-na insistentemente, riem, fazem caretas ou gestos obscenos para ela (CARPENTER e FERGUNSON, 2011).

Dentre as muitas formas de desprezo gerido pelo sexo feminino, pode-se citar a violência por intrigas. No meio estudantil, espalham-se mexericos, ciladas.

Dizem às crianças que deixem de ser amigos da vítima, isolam a vítima e convencem os outros a fazer o mesmo, espalham mentiras para que ela seja rejeitada pelos colegas, convidam todos no grupo para a festa, menos a vítima, permitem somente as garotas populares se sentarem a uma mesa (CARPENTER e FERGUNON, 2011, p. 39)

Nesse tipo de perseguição, fica claro que a vítima não tem como provar que está sendo perseguida, o que torna mais difícil a superação dessa violência.

Todos os tipos de *bullying* já aparecem desde o jardim de infância, já se ouvem afrontas como: “você é bobo”, “você não sabe jogar bola”, “você é um bebê chorão”. As crianças também realizam gestos imitando o colega chorar, provocam e ficam alegres em dizer suas frases indelicadas. No entanto, nessa fase, elas estão tentando chamar a atenção dos colegas e não sendo cruéis. Elas querem a aprovação dos colegas e gostam quando os outros riem ou respondem suas provocações, e muitas vezes são incentivadas pelos próprios pais que riem de suas graças.

Portanto, é no jardim de infância que a prevenção do *bullying* deve começar. Muitos professores e adultos percebem as atitudes agressivas das crianças, mas acreditam ser típica da fase, apenas uma brincadeira inocente. Entretanto, esse comportamento é o antecessor das técnicas mais refinadas que um futuro *bully* começa a desenvolver (CARPENTER e FERGUNSON, 2011). O que distingue a agressão de uma garotinha de quatro anos e uma de sete é a intenção. Por isso é fundamental que esse comportamento seja educado desde os quatro anos de idade, pois, quando esse comportamento é estendido ao Ensino Fundamental, o *bulle* age com intenção de ferir, humilhar os colegas. Nessa fase, o *bullying* torna-se “natural”

Apelidos, sarcasmo, xingamentos, maledicência, comentários, bilhetes de ameaça, cochichos maldosos, rir dos outros, difamar, fazer fofocas, discriminar, humilhar, trotes telefônicos, piadas maldosas, apelidos pejorativos, inventar histórias no contexto sexual ou escrevê-las nas paredes dos banheiros da escola, ameaçar,

perseguir, estragar objetos, implicar com aspectos físicos, isolar, não prestar atenção, chantagear, são algumas das características do *bullying* verbal (CARPENTER e FERGUNSON,2011).

## 2.8 CONSEQUÊNCIAS GERAIS PROVOCADAS PELO *BULLYING*

As consequências provocadas pelo *bullying* apresentam-se em todos os envolvidos. Todavia, a vítima pode levar seus efeitos negativos para além do âmbito escolar. A superação dos traumas vivenciados poderá ou não ser superado. A não superação poderá levar a sérios prejuízos no seu desenvolvimento psíquico

Afetando seu comportamento (...) gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldade de aprendizagem, queda no rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologia graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos (...) Poderá desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho (FANTE, 2011, p.79).

Além disso, poderá comprometer sua futura constituição familiar, a criação dos filhos e sua vida profissional. Dessa maneira, causará danos à sua saúde mental. Em casos extremos, a vítima, muitas vezes, acaba cometendo suicídio; prefere deixar de viver a continuar sofrendo perseguições.

A vítima também pode desenvolver reações psicossomáticas mais imediatas, tais como enurese, sudorese, taquicardia, cefaleia, ansiedade, dor gástrica, depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, assim como reações de agressividade e abuso de álcool e substâncias químicas (FANTE, 2011).

O *bullie* vive sentimentos que solidificam sua conduta autoritária, não se adaptando às normas e regras escolares. Valoriza erroneamente a violência como sinônimo de obtenção de poder. A persistência dele como *bully* leva-o a tornar-se um indivíduo de difícil convivência, tanto na vida pessoal quanto social ou profissional. O autor do *bullying*, de fato, fica predisposto a praticar atitudes e comportamentos delinquentes. “Agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença que deve levar vantagem em tudo”, todos esses

comportamentos, pelo *bully*, são considerados naturais no dia-a-dia. (FANTE, 2011, p.81).

Por outro lado, as testemunhas, ou seja, os demais alunos, os quais não se envolvem diretamente com o fenômeno, acabam tendo prejuízos no seu desenvolvimento socioeducacional. Isto porque são violados corriqueiramente os seus direitos a uma escola segura e saudável, sem medo ou ansiedade.

As consequências são muito graves e podem ser listadas sob múltiplos sintomas. Por exemplo, o *bullying* gera, na vítima, um estado de alerta constante, comprometendo o seu sistema nervoso, levando as crianças a desencadearem sintomas como pupilas dilatadas, aumento no batimento cardíaco e na frequência respiratória e sentidos aguçados. Estados de estresse a longo prazo levam ao comprometimento do sistema imunológico da criança, deixando-o mais vulnerável a infecções por vírus e bactérias. Causa, dessa forma, entre outros, distúrbios de sono, doenças na pele, hábitos ou tiques nervosos, ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (CARPENTER e FERGUNSON, 2011).

Já as consequências emocionais são mais difíceis de serem detectadas, porém os resultados são devastadores e prolongados. Quanto mais tempo a criança sofre o *bullying*, mais dificuldade tem para relaxar e acaba tendo um esgotamento emocional. O *bullying* emocional leva, inclusive, a vítima ao isolamento. Ela pode se tornar “mal-humorada e retraída, deprimida e irritada, propensa a ter ataques súbitos de raiva, triste, reservada, desanimada, baixa autoestima, excessivamente emotiva” (CARPENTER e FERGUNSON, 2011, p.123). Desenvolve-se, assim, um aluno com grandes limites e dificuldades pessoais.

Carpenter e Ferguson (2011) defendem que o desenvolvimento e o rendimento escolar da criança ficam comprometidos, uma vez que ela concentra suas energias na fuga do seu sofrimento. Em estado de alerta permanente, tem como objetivo primordial evitar os *bullies* e chegar à sua residência com segurança. O estudo, para a vítima, deixa de ser sua prioridade; perde a concentração, evita participar de trabalhos em grupos.

A vítima utiliza de subterfúgios para fugir dos *bullies*, como, por exemplo, chega atrasado à aula, deixa de sair da sala no intervalo, com o intuito de não se expor aos colegas, deixa, inclusive, até mesmo, de utilizar o banheiro da escola. Para além de tudo isso, ainda sofre uma pressão por parte dos pais e professores quando suas notas começam a cair. Aumenta, assim, o estresse da criança. Nessa

trajetória, em alguns casos, ela acaba reprovada e desiste de estudar. Prejudica, portanto, de modo sistemático, seu futuro, ao viver intensamente sentimentos de raiva, frustração, ansiedade, desânimo, depressão, que nada mais são do que consequências diretas do *bullying*.

A curto ou longo prazo, as consequências variam de indivíduo para indivíduo. O fato é que ouvir constantes recriminações levam-no a acreditar que não tem valor, que é incompetente, deixando, pois, de lutar para mudar a situação do sofrimento. As vítimas do *bullying*, frequentemente, desistem de lutar, aceitando, com passividade, as situações aversivas (CARPENTER e FERGUNSON, 2011).

## 2.9 PROGRAMAS DE PREVENÇÃO

As ações de violência, de discriminação e de preconceito no ambiente escolar são grandes desafios para os professores, para a equipe pedagógica, para a direção, ou melhor, para toda a comunidade escolar. As consequências desses comportamentos não se resumem a fatos no presente, elas podem causar traumas que permanecem ao longo da vida.

Acredita-se que a prevenção começa pelo conhecimento. Assim, é necessário que as escolas reconheçam a existência do *bullying* e estejam conscientes de suas consequências para o desenvolvimento socioeducacional dos alunos. Isso porque há diversos profissionais da educação que não sabem diferenciar os comportamentos de *bullying* de outros tipos de atitudes, por não terem tido uma formação que os levem a desenvolver estratégias pedagógicas para lidar com os esses problemas no ambiente escolar.

O despreparo dos professores se deve principalmente aos cursos de formação acadêmica, aprendem as técnicas que os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos (FANTE, 2005, p.68).

Os profissionais da educação necessitam ser capacitados a observar, para que possam identificar, diagnosticar e, principalmente, intervir nas situações do *bullying*. Necessário, pois, levar esse tema à discussão com toda a comunidade escolar e definir estratégias que sejam capazes de fazer frente ao mesmo.

O auxílio dos educadores no tratamento ou na prevenção dos comportamentos dos *bullies* é de extrema importância social. O professor tem não só o poder para reprimir algumas das atitudes e comportamentos no ambiente escolar como pode e deve alertar os pais a respeito das ações dos filhos, quer como agressores, quer como vítimas. Na verdade, a maioria dos pais não consegue identificar se seu filho é vítima dos *bullies* e poucos acreditam que seu filho possa ser o agressor. É, também, importante, voltar os olhos para as testemunhas do *bullying*, pois, mesmo que indiretamente, a testemunha incentiva o *bullie*, sendo, na maioria das vezes, conivente com ele. Ela pode contribuir para que esse tipo de comportamento continue, por meio do seu silêncio, ou porque faz parte da plateia que o agressor precisa ter (FANTE, 2011).

A conscientização de todos os alunos, por meio dos programas *anti-bullying*, realizados na escola, pode fazer com que os agressores entendam a extensão antissocial de seus atos, assim como, também, auxiliar as vítimas a perceberem que precisam de ajuda. A conscientização pode levar as vítimas a adquirir confiança nos pais e professores e, a contar espontaneamente com eles.

Tais trabalhos levam as testemunhas a se questionar sobre até que ponto seu silêncio contribui para a recorrência dessas situações. Para isso, é importante conhecer quais os tipos de *bullying* mais frequentes dentro do âmbito escolar. É importante reconhecer pelo gênero as diferenças das agressões entre os sexos e, nessa área, investir mais em pesquisas e estudos exploratórios.

Para que uma escola possa apresentar um rendimento acadêmico elogiável, deve oferecer ambiente seguro e saudável, no qual as crianças e adolescentes possam desenvolver os seus potenciais intelectuais e sociais de forma máxima. Para isso, cada um deve ser responsável o suficiente para cumprir seu papel de guardião da não violência. Não é só inaceitável qualquer sofrimento físico ou moral de alunos perpetrado por colegas, como também o silêncio frente às diferentes formas de *bullying* por medo de represálias.

Nessa luta, nada melhor do que conhecer o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, da Associação Brasileira

Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência <sup>9</sup> (ABRAPIA), que já foi desenvolvido com base, inclusive, no livro de Olweus (1993), “ **Bullying at School**”.

Olweus, com o apoio do Governo Norueguês, colocou para discussão os dados que coletou sobre a violência escolar. O que resultou em uma Campanha Nacional que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas. Sua repercussão em outros países determinou ações no Reino Unido, Canadá e Portugal, e incentivou nações a desenvolverem seus próprios projetos os projetos devem ter por pressupostos: a) regras claras contra o *bullying* nas escolas; b) envolvimento ativo por parte de professores e pais; c) divulgação de informações claras que possam aumentar a conscientização e prover apoio e proteção às vítimas.

De acordo com Fante (2011), especialistas e educadores de todo o mundo, com o apoio de instituições públicas e privadas, têm proposto às autoridades educacionais a criação de programas especiais de combate e prevenção ao *bullying* nas escolas. Diversas pesquisas e programas desse tipo vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte, tanto para conscientizar a comunidade como para evitar o *bullying* nas escolas. Na Espanha, por exemplo, o programa de prevenção criado pela Universidade de Sevilha, incentivado pelo Ministério da Educação e Ciência, tem como objetivo desenvolver a educação de sentimentos e valores e melhorar as relações interpessoais. Foi elaborado um pacote didático e distribuído em todas as escolas públicas.

Na Inglaterra, dentre os projetos desenvolvidos, inspirados na campanha de intervenção norueguesa, encontra-se um que teve a participação de 16 escolas, abrangendo a educação primária e secundária. Os resultados obtidos se transformaram em material informativo para a continuidade e extensão dos propósitos originais, incluindo-se, sempre, a consciência da necessidade de novas pesquisas sobre a matéria (FANTE, 2011).

Outro dado interessante, presente em outros programas de superação à violência, é a exigência de que as escolas estimulem a amizade, a solidariedade e preparem alunos como mediadores de conflitos. Além dessas sugestões estratégicas para debelar a violência, um dos programas sugere que se inclua um

---

<sup>9</sup> Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes, 2002.  
<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>

telefone à disposição das vítimas, como forma de os agredidos ou de as testemunhas superarem o silêncio indesejável (FANTE, 2011).

Na Irlanda, um programa educativo da Companhia de Teatro *Sticks and Stones* utilizou as representações teatrais para realizar a conscientização do fenômeno, quando encenam variadas formas de conduta de *bullying* na sala de aula, no pátio e no percurso do caminho à escola. Também foi criado o Centro de Investigação e Assessoria do *bullying*, o qual oferece informações, orientações psicopedagógicas, materiais didáticos, aconselhamentos para pais, para escolas ou para outras organizações que se proponham a combater o fenômeno (IDEM).

Já na Grécia foi adotado um programa contendo estratégias de conscientização para mudar as atitudes de todos os integrantes das escolas, especialmente a dos agressores, por meio de debates em sala de aula, orientação psicopedagógica individual e coletiva (IDEM).

Em Portugal, os próprios alunos criaram um projeto de intervenção chamado “*Liga dos Alunos Amigos*”, com o objetivo de evitar as agressões entre os estudantes. Esse programa atua na formação de líderes de turma que recebem treinamento para ajudar e prevenir situações de agressão. Criou-se também, um grupo de mediadores de conflitos, enquanto todos os alunos são estimulados para um maior envolvimento afetivo. Um outro programa desenvolvido é o *ScanBullying*, que utilizando-se de histórias típicas de maus-tratos na escola, investe em desenhos, *cartoons*, em que são retratados os episódios de violência, como exclusão, ameaça, gozação, agressão (FANTE, 2011).

Na Finlândia, o Ministério da Educação faz pressão para a existência nas escolas de programas preventivos. Também a Noruega atua da mesma forma, criando e incentivando programas para as escolas e para os pais, principalmente na área de formação e de conscientização, que devem ser repetidos anualmente. “Uma rede de profissionais habilitados para tal ministram cursos para professores e pais, ajudando as escolas a estabelecerem planos de intervenção e eliminação do *bullying*” (FANTE, 2011, p 88).

A Holanda, sofrendo com o crescimento da violência entre alunos, promove campanhas que envolvem a todos da comunidade escolar, salientando que apenas o coletivo terá forças para debelar os maus-tratos que precisam ser reprimidos dentro das instituições. Interessante notar que um programa holandês serviu de base para o *Protocolo de Educação Nacional contra o Bullying* que foi assinado pela

Itália, Áustria, Bélgica, Dinamarca e Noruega, em uma demonstração do nível de consciência do poder público sobre a dimensão da violência nas escolas (FANTE, 2011).

No Brasil, em 2002 e 2003, a ABRAPIA desenvolveu, em onze escolas, o *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Tinha a finalidade de diagnosticar as situações de *bullying* entre os alunos de quinto a oitavo ano e de traçar os indicadores de prevalência, identificando os tipos mais comuns de violência e os locais de maior incidência. Em seu trabalho, a ABRAPIA considera que três premissas sejam essências para obter bons resultados na prevenção do *bullying*.

Não existem soluções simples para a resolução do *bullying*; o fenômeno é complexo e variável; cada escola desenvolveria suas próprias estratégias e estabeleceria suas prioridades no combate ao *bullying*; a única forma de obtenção de sucesso na redução do *bullying* é a cooperação de todos os envolvidos: alunos professores, gestores e pais (FANTE, 2011, p.90).

Ainda oferecendo diretrizes para debelar o mal que cresce em todos os países, a autora sugere etapas para esse trabalho. A primeira a pesquisar a realidade escolar onde seria iniciado. É necessário obter informações dos alunos quanto à percepção deles sobre o *bullying* na escola. A segunda, é buscar parcerias com os professores, incentivando discussões, definindo as estratégias para divulgação e sensibilização dos alunos. Na terceira, formar um grupo de trabalho, composto por professores, funcionários da escola, alunos e pais, com o objetivo de definir as ações e as táticas a serem utilizadas. Já na quarta, as propostas definidas pelo trabalho de grupo serão compartilhadas com todos os alunos e funcionários, assim, oportunizando que deem sugestões para o programa. Na quinta e sexta, as definições finais levam à divulgação dos compromissos, apontando para as prioridades. Finalmente, a sétima etapa visa informar e convocar os pais em relação à execução dos objetivos do projeto, por meio de carta e reuniões organizadas nas escolas.

Para a ABRAPIA (2002), não existem soluções simples para combater o *bullying* e toda escola precisa responder pela criação das estratégias que possam reduzi-lo. A única maneira de se combater o *bullying* é por meio da informação e cooperação de todos os envolvidos, professores, funcionários, alunos e pais.

Apesar de varias pesquisas e sugestões relativas à importância de programas de prevenção à violência, já expostos e detalhados em vários países, no Brasil não há programas de caráter oficial (nacional, estadual, regional ou municipal) de caráter obrigatório para a prevenção dos maus tratos nas escolas. Muito se fala na violência e pouco se faz em nome de programas mais amplos, governamentais, públicos. Os movimentos dos Ministérios ou de Secretarias de Saúde, de Educação, de Justiça, entre outros órgãos do governo interessados na efetiva cidadania, que deveriam ser integrados, não promovem nem programas nem projetos que ofereçam sustentação aos professores e pais. No pressuposto de que cada escola deve criar o seu programa de prevenção da violência escolar, a proclamada exigência de envolvimento de todos fica nos limites do bairro onde a instituição está localizada quando há professores interessados nessa luta!

### 3. DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

No Brasil, como reflexo dos estudos ou pesquisas europeias, existem alguns estudos sobre *bullying* no ambiente escolar realizados recentemente. Por ordem, pode-se lembrar: a) do trabalho realizado pela professora Canfield e colaboradores (1997) que procurou observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada pela própria equipe do questionário de Olweus (1989); b) das pesquisas realizadas pelos professores Figueira e Neto (2000/2001) que buscaram diagnosticar o *bullying* em duas escolas municipais do Rio de Janeiro, também usando uma forma adaptada do mesmo questionário; c) das pesquisas realizadas pela professora Fante (2002) em escolas municipais do interior paulista que apontavam para o combate e a redução de comportamentos agressivos.

Muitas outras pesquisas de menor extensão, em escolas, já foram realizadas no Brasil, mas em nenhuma delas houve a preocupação específica com a violência produzida pelo gênero feminino. Essa preocupação pode ser notada, principalmente, em alguns textos portugueses, mas, nesses estudos, não se encontra maior aprofundamento, nem sobre os fatores explicativos da violência feminina, nem sobre as formas como ela se apresenta nas escolas.

Quando se investiga sobre o *bullying*, percebe-se que a literatura é escassa e sem interesse maior pelo aprofundamento da violência realizada por meninas, ou melhor, esse interesse começa a surgir, ainda muito timidamente, nos últimos anos. Nos diversos programas de prevenção ao *bullying* escolar que são desenvolvidos em vários países, pode-se observar que um dos primeiros apontamentos a serem feitos, é que se deve pesquisar a realidade. No entanto, a diferença entre os gêneros não se constitui em um item considerado relevante para os pesquisadores.

Há alguns artigos na literatura que citam a distinção entre os gêneros, em que permanece o reconhecimento imediato das diferenças entre as formas de *bullying* ou, ainda, consideram normal as diferenças entre os sexos. Como exemplo, pode-se citar esse trecho que registra o *bullying* indireto:

Existe, também, o *bullying* psicológico e moral, o qual inclui irritar, excluir, humilhar, ridicularizar, isolar, ignorar, desprezar, discriminar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo

entre os colegas, fazer intrigas, fofocas ou mexericos, sendo o último mais comum entre meninas (SILVA, 2010, p.23). (Grifos nossos).

Silva (2010, p. 23), no mesmo espaço, continua afirmando: as meninas apresentam “tendência a praticar agressões na forma de terror psicológico e na manipulação de outras meninas contra as colegas-alvo”. Essa tendência apresenta-se por atitudes que são mais frequentes, como dar apelidos ofensivos, fazer comentários maldosos, cochichar pelas costas, intimidar. Os sujeitos do sexo masculino sofrem mais o *bullying* do tipo físico, como bater, dar tapas, chutar e empurrar, pois os “meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais” (SILVA, 2010, p.23).

Para Lisboa *et al.* (2002, *apud* BANDEIRA, 2009, p.22): “As diferenças entre os gêneros, em relação à expressão da agressividade, já se encontram presentes desde a infância”. O autor confirma a ideia de que os meninos expressam sua agressividade por intermédio da força física e as meninas, de forma indireta, de modo verbal.

Esse *bullying* indireto, conforme o mesmo autor, mais comumente praticado pelas meninas, tem como intuito manipular as relações sociais das vítimas para lhes causar sofrimento. Isso porque o convívio e o relacionamento social, na vida das meninas, são mais importantes do que para os meninos. Elas valorizam muito a opinião que os outros manifestam sobre si.

Segundo dados da ABRÁPIA (2002) os meninos, com uma maior frequência, estão envolvidos com o *bullying*, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, o *bullying* ocorre e se caracteriza, principalmente, com a prática de exclusão ou difamação, o que torna muito mais difícil a sua identificação ou reconhecimento. Não são imediatamente percebidos os atos de difamação e de exclusão; são na verdade, desconsiderados, o que mais dificulta o conhecimento sobre o *bullying* relacional e, evidentemente, inviabiliza programas de prevenção.

Vail (2002) ressalta o dado quanto à dificuldade de captação do *bullying* realizado pelo gênero feminino. O autor acena para o que deve ser levado em consideração pelos professores em geral, dizendo: “[...] a forma como o *bullying* se apresenta nas meninas é geralmente despercebido, como se elas não fossem suspeitas de comportamento agressivo, ou *bullying*, da mesma forma que os meninos” (VAIL, 2002, *apud* BANDEIRA, 2009, p. 24).

Simmons uma autora de fora do mundo acadêmico, realizou uma pesquisa sobre *bullying* feminino em função de sua história pessoal, que resultou na publicação do livro já identificado, ***Garota Fora de Jogo*** (2004). A autora afirma que as mulheres expressam a raiva de forma velada e às vezes, de forma cruel. As garotas não deixam rastros de violência, destruição e vandalismo. Sua agressividade é indireta, não-física e sim dissimulada. Normalmente, preferem usar a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico às vítimas. Seus métodos são quase invisíveis ao olhar dos pais e dos professores, as garotas dificilmente se metem em ruidosas rodas de briga. O mais comum é que elas agridam suas vítimas espalhando boatos, passando bilhetinhos, disparando olhares coercivos, conspirando, jogando as colegas umas contra as outras.

Simmons (2004) adverte e, indiretamente, sugere que existe uma cultura oculta da agressividade das mulheres que deve ser investigada. Esse tipo de massacre silencioso deve vir à tona para romper com o estereótipo de meiguice, de cuidadora, de boazinha que envolve a ideia de mulher. Essa cultura de agressividade dissimulada precisa ser explorada, enfrentando-se a dificuldade de pesquisar comportamentos dissimulados nos quais a raiva nunca é explícita e o fingimento é sempre natural.

Inúmeras questões podem ser postas diante desse fenômeno. Por exemplo, porque as mulheres atormentam outras mulheres quando elas sempre são alvo de agressões sexuais como estupro, incesto, violência, doméstica, entre outras? Quando a violência cresce contra as mulheres em todos os países, por que as meninas se envolvem com tanta naturalidade e frequência nesses atos hostis? Por que se mobilizam para destruir relacionamentos, destruir reputações? Por que se organizam para excluir o indivíduo de um grupo? Por que têm prazer em humilhar? Qual a vantagem que elas obtêm ao organizar e divulgar comentários ofensivos? Até quanto as *bullies* exercitam suas maldades com o objetivo de se tornarem populares? Enfim, questões para as quais não se tem resposta, mas que precisam ser delineadas para que um foco mais preciso possa ser melhor percebido e circunscrito.

Nessa direção, este estudo exploratório busca conhecer como as alunas se comportam frente ao *bullying* físico? Como se comportam frente ao *bullying* verbal? Quais as ações que executam na perspectiva do *bullying* relacional? Elas usam a

violência verbal de modo costumeiro? Enfim, em relação à violência do gênero, quais os comportamentos das alunas do nono ano de uma escola da periferia de Maringá?

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O instrumento de pesquisa, com 31 questões, apresenta-se dividido em quatro conjuntos de perguntas sobre os quatro tipos de *bullying* – físico, verbal, psicológico (social / relacional) e *cyberbullying* - que possam existir na escola. As respostas a essas perguntas se apresentam por alternativas de modo não excludente, como: a) Nunca ouviu/nunca viu; b) Já presenciou; c) Já sofreu; d) Já cometeu/ praticou. Como exemplo da possibilidade de escolher mais de uma resposta tem-se: aquele que nunca ouviu falar sobre um determinado tipo de agressão na escola ou nunca viu nada desse tipo de violência, pode, ao mesmo tempo, assinalar que já sofreu esse tipo de hostilidade apontada na questão.

As respostas afirmativas ou negativas para essas perguntas foram quantificadas em sua frequência, independentemente do número de alunos, em função da possibilidade de as respostas serem maior do que o número de sujeitos da pesquisa.

Por tabelas, diferenciadas pelos quatro tipos de *bullying*, se apresenta os dados obtidos, informando, antes de cada tabela, o conteúdo dos itens questionados.

##### Sobre o *bullying* físico

Buscando reconhecer comportamentos sobre o *bullying* físico, as perguntas feitas, descritas a seguir (já numeradas por ordem de apresentação no questionário), abordavam as seguintes questões: (5) Ameaças físicas com facas, armas, estiletes, canivetes? (12) Agressões com tapas, cotoveladas, beliscões, empurrões, chutes? (13) Destruição de roupas, de pertences? (14) Puxões de cabelo, cusparadas? (15) Apropriação de lanches, de merenda, de material escolar? (16) Extorsão de dinheiro, ou de outro bem? (17) Briga por causa de namorado? (25) Estrago em pertences particulares? (26) Furto de bens de colegas? (27) Quebradeira de vidros, carteiras, vandalismo na escola?

Tabela 1- O *bullying* físico

QUESTAO: (5) Ameaçou fisicamente com facas, armas, estiletes, canivetes?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	11
Já presenciou	7	25

Já sofreu	3	29
Já fez/praticou	5	27
Total	15	92
Questão: (12) Bateu, deu tapas, cotoveladas, beliscões, empurrões, chutes?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	31
Já presenciou	19	13
Já sofreu	11	21
Já fez/praticou	20	12
Total	40	77
Questão: (13) Rasgou roupas, destruiu pertences?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	18
Já presenciou	13	19
Já sofreu	3	29
Já fez/praticou	8	24
Total	24	90
Questão: (14) Puxou cabelos, deu cusparadas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	23
Já presenciou	19	13
Já sofreu	2	32
Já fez/praticou	12	20
Total	33	88
Questão: (15) Tirou lanches, material escolar?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	8
Já presenciou	8	24
Já sofreu	0	32
Já fez/praticou	0	32
Total	8	96
Questão: (16) Extorquiou dinheiro, ou outro bem?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	12
Já presenciou	20	20
Já sofreu	12	32
Já fez/praticou	0	32
Total	32	96
Questão: (17) Brigou/bateu por causa de namorado?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	16
Já presenciou	13	19
Já sofreu	1	31

Já fez/praticou	2	30
Total	16	96
Questão: (25) Estragou pertences particulares	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre	-	20
Já presenciou	14	18
Já sofreu	5	27
Já fez/praticou	7	25
Total	26	90
Questão: (26) Furtou bens de colegas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	19
Já presenciou	16	16
Já sofreu	6	26
Já fez/praticou	2	30
Total	24	91
Questão: (27) Quebrou vidros, cadeiras, objetos da escola? [Promoveu vandalismo na escola?]	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre isso	-	22
Já presenciou	19	13
Já sofreu	0	32
Já fez/praticou	3	29
Total	22	96

Nesta tabela, de imediato, se tem algumas situações que merecem destaque.

1º. ) O número de depoimentos, em sua totalidade, ou melhor, em todos os quesitos, que negam a presença de agressões físicas na escola é muito superior aos depoimentos que afirmam existir violência nessa instituição. Interessante assinalar, no entanto, que os sujeitos da pesquisa afirmam, em todos os itens respondidos, que já presenciaram os atos agressivos listados nas dez perguntas formuladas no questionário. Cabe interrogar: a frequência dos atos violentos na escola é considerada normal? Aceitável?

2º. ) As afirmações (positivas) das alunas, quanto a existência de violência física na escola, que ultrapassam os depoimentos negativos, dizem respeito as seguintes itens: (12) tanto presenciaram como praticaram tapas, cotoveladas, beliscões, chutes, empurrões; (14) como presenciaram puxões de cabelo e cusparadas; (27) assim como presenciaram, também, vandalismo. A confirmação da presença de atos violentos na escola não se constitui em aversão a esses comportamentos agressivos, mas sim em naturalização dessas atitudes?

3<sup>o</sup>.) A única violência física que as meninas assumem “sem censura”, ou seja, em maior frequência, é a de ter agredido com tapas, chutes, cotoveladas, beliscões, empurrões suas colegas (12).

4<sup>o</sup>.) As respondentes se afirmam incapazes de certos atos como o tirar o lanche, o material escolar (15), ou , extorquir dinheiro de colegas (16), posto terem negativado essas perguntas.

5<sup>o</sup>.) Os demais itens relativos à afirmação positiva sobre a violência física, questionados nas perguntas (5), (13), (14), (17), (25), (26), (27), apresentam frequência inferior aos depoimentos que negam essa realidade, não conferindo, nessa totalização, ou melhor, no exame dessa relação, maior expressividade ao *bullying* físico.

#### Sobre o *bullying* verbal

As informações sobre o *bullying* verbal, elaboradas por interesse em reconhecer as agressões das alunas em seus discursos, foram obtidas por meio de questões preocupadas em reconhecer os comportamentos como: (1) Acusações injustas? (2) Xingamentos humilhantes? (3) Sentir medo ocasionado por insulto, afrontas, rebaixamento? (8) Criar, dar apelidos ridículos? (9) Cochichar, espalhar boatos? (11) Passar trotes por telefone?

Tabela 2- *Bullying* Verbal

QUESTAO: (1) Fez acusações injustas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre alguém agindo assim	-	27
Já presenciou	17	15
Já sofreu	10	22
Já fez/praticou	16	16
Total	43	80
Questão: (2) Xingou, humilhou?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre alguém agindo assim	-	30
Já presenciou	20	12
Já sofreu	17	15
Já fez/praticou	19	13
Total	56	70
Questão: (3) Sentiu medo ao ser xingada?	Depoimentos	
	Sim	Não

Ouviu falar de alguém com medo	-	29
Já presenciou alguém passar medo	21	11
Já sofreu medo	16	16
Já fez/praticou ameaças para dar medo	13	19
Total	50	75
QUESTAO: (8) Deu apelidos que magoam?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre alguém agindo assim	-	29
Já presenciou	14	18
Já sofreu	13	19
Já fez/praticou	11	21
Total	38	87
Questão: (9) Cochichou, espalhou boatos?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre alguém agindo assim	-	29
Já presenciou	21	11
Já sofreu	16	16
Já fez/praticou	13	19
Total	50	75
Questão: (11) Passou trotes por telefone?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre alguém agindo assim	-	28
Já presenciou	13	19
Já sofreu	11	21
Já fez/praticou	22	10
Total	46	78

A questão (11) para a qual (unicamente) as respostas das adolescentes são afirmativas, quando cotejadas aos depoimentos que negam a prática de violência verbal, diz respeito a ser responsável por passar trotes por telefones. As repostas afirmativas – em relação às demais desse conjunto enquanto negativas - permitem pensar na possível “naturalização cultural desse comportamento” como a explicação mais imediata para a frequência conferida pertinente às respostas dadas.

Também a questão (2) que trata de xingamentos, humilhações é a única questão que apresenta em sua totalidade, afirmações a respeito desse tipo de agressividade. As meninas se afirmam – sem receio - como pessoas que são capazes de ofender o outro verbalmente.

Esta tabela na sua totalidade, de imediato, leva a algumas considerações para além da mesma. As diferenças entre as afirmações sobre a existência de *bullying* verbal e as afirmações de nunca ter ouvido, presenciado, sofrido ou praticado esse tipo de violência, apresenta-se, quantitativamente mais equilibradas dos que as apresentadas na tabela anterior relativa ao *bullying* físico. Isso permite

levantar a hipóteses, para estudos comprobatórios futuros, de que o *bullying* verbal é mais praticado pelas meninas do que o *bullying* físico.

#### Sobre o *bullying* psicológico

O *bulling* psicológico/ relacional ou social, pesquisado com a intenção de identificar as agressões que implicam em exclusão, geralmente movida por raiva, ciúme ou inveja, foi esquadrinhado por meio de questões interessadas em reconhecer os comportamentos como: (4) Ameaçou, prometeu vingança? (6) Ameaçou alguém por telefone, celular, e-mail? (7) Ameaçou alguém por causa do namorado? (10) Tirou sarro, riu propositalmente de outras? (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la? (19) Excluiu alguém de seu grupo? (20) Ignorou a pessoa antes conhecida? (21) Afastou alguém do grupo por preconceito de beleza, obesidade, raça, condição social? (22) Rompeu com amizades antigas? (23) Cochichou, falou pelas costas? (24) Impediu colegas de atividades festivas, esportivas? (28) Espalhou mentiras, fez denúncias falsas, acusou injustamente?

Tabela 3: *Bullying* Psicológico

QUESTAO: (4) Prometeu vingança,? Ameaçou?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar sobre gente fazendo isso	-	29
Já presenciou	21	11
Já sofreu	0	32
Já fez/praticou	0	32
Total	21	104
Questão: (6) Ameaçou alguém por telefone, celular, e-mail?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	21
Já presenciou	14	18
Já sofreu	9	23
Já fez/praticou	8	24
Total	31	86
Questão: (7) Ameaçou alguém por causa do namorado?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	22
Já presenciou	14	18
Já sofreu	4	28
Já fez/praticou	11	21

Total	29	89
QUESTAO: (10) Tirou sarro, riu propositalmente de outras?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	30
Já presenciou	19	13
Já sofreu	6	26
Já fez/praticou	26	6
Total		
Questão: (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	20
Já presenciou	17	15
Já sofreu	2	30
Já fez/praticou	8	24
Total	27	89
Questão: (19) Excluiu alguém de seu grupo?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	24
Já presenciou	19	13
Já sofreu	3	29
Já fez/praticou	14	18
Total	36	84
QUESTAO: (20) Ignorou a pessoa antes conhecida (ou amiga)?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	27
Já presenciou	17	15
Já sofreu	10	22
Já fez/praticou	19	13
Total	46	77
Questão: (21) Afastou alguém do grupo por preconceito de beleza, obesidade, raça, condição social?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	15
Já presenciou	12	20
Já sofreu	2	30
Já fez/praticou	2	30
Total	16	95
Questão: (22) Rompeu com amigas antigas?	Depoimentos	
	Sim	Não

Ouviu falar de gente fazendo isso	-	32
Já presenciou	13	19
Já sofreu	9	23
Já fez/praticou	17	15
Total	39	89
QUESTAO: (23) Cochichou, falou pelas costas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	29
Já presenciou	22	10
Já sofreu	9	23
Já fez/praticou	17	15
Total	48	77
Questão: (24) Impediu colegas de atividades festivas, esportivas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	18
Já presenciou	14	18
Já sofreu	3	29
Já fez/praticou	5	27
Total	22	92
Questão: (28) Espalhou mentiras, fez denúncias falsas, acusou injustamente?	Depoimentos	
	Sim	Não
Ouviu falar de gente fazendo isso	-	23
Já presenciou	17	15
Já sofreu	9	23
Já fez/praticou	6	26
Total	32	87

Examinando as respostas dadas às questões sobre o *bullying* psicológico, tem-se, em apenas três perguntas dentro do conjunto de questionamentos, respostas afirmativas sobre essa prática. As meninas exercem, segundo seus próprios depoimentos, poder sobre as outras, agindo assim: a) ignorando a pessoa, antes amiga (20); b) rompendo amizades antigas (22); c) cochichando/ falando mal pelas costas (23).

Outros dados revelam que as alunas já presenciaram atos de violência psicológica com outras colegas. Tais violências são identificadas como: Ameaças de vingança (4); Risos, sarro de alunas (10); Isolamento de colegas (18); Exclusão de meninas de grupos (19); Estranhamento, não reconhecimento de colega, antes conhecida, ou amiga (20); Cochichos (23); Mentiras, acusações injustas (28).

Nessa tabela, os depoimentos sobre a participação e/ou observação da violência psicológica (tal como as descritas nas perguntas), são mais afirmados do que negados. Ao mesmo tempo em que elas revelam já ter presenciado atos hostis com colegas, chama a atenção o fato de elas afirmarem - em número bem menor, bem mais reduzido - não terem sofrido esses tipos de ofensas que já foram registrados como vividos por outros.

As meninas, aparentemente, se sentem mais confortáveis, “menos ameaçadas”, ao relatarem comportamentos que são creditados, em princípio, ao universo feminino, como por exemplo: rir dos outros (10); ignorar pessoas antes amigas (20); romper com amizades antigas(22). A frequência mais alta nos itens que revelam a prática dessas atitudes encaminha a necessidade de novas investigações sobre esses comportamentos.

#### Sobre o *Cyberbullying*

O *cyberbullying*, pesquisado com a intenção de identificar as agressões que se praticam de forma anônima, tornando-as acessível a milhares de pessoas, foi procurado por meio de questões interessadas em reconhecer os comportamentos como: (29) Já postou no celular, internet, meios eletrônicos, fotos deformadas de colegas? (30) Já colocou no mundo virtual fotos da vida privada de suas colegas? (31) Já fez denúncias anônimas?

Tabela 4: *Cyberbullying*

QUESTAO: (29) Já postou no celular, internet, meios eletrônicos, fotos deformadas de colegas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Nunca ouviu falar sobre	-	17
Já presenciou	15	17
Já sofreu	2	30
Já fez/praticou	3	29
Total	20	93
Questão: (30) Já colocou no mundo virtual fotos da vida privada (privativas) de suas colegas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Nunca ouviu falar sobre	-	9
Já presenciou	8	24
Já sofreu	1	31

Já fez/praticou	0	32
Total	9	96
Questão: (31) Já fez denúncias anônimas?	Depoimentos	
	Sim	Não
Nunca ouviu falar sobre	-	10
Já presenciou	8	24
Já sofreu 4	1	31
Já fez/praticou	5	27
Total	14	92

Os depoimentos, quer sobre ter ouvido falar, presenciado, sofrido ou praticado atos expressivos do *cyberbullying*, são, em termos de frequência, negados pelas alunas. Depoimentos que, como todos os outros levantados nessa pesquisa exploratória devem ser retomados em outras investigações. Nesse caso, principalmente porque, o uso do celular, independentemente da classe econômica, já está na posse e de uso das crianças e adolescentes no próprio cotidiano da escola.

Tabela 5: Depoimentos sobre a realidade do *bullying* na escola por depoimentos afirmativos e negativos

TIPOS DE <i>BULLYING</i>	PRATICOU (Agressora)		SOFREU (Vítima)		PRESENCIOU (Testemunha)		OUVIU (Não ouviu)	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Verbal	94	98	83	119	106	86	20	172
Psicológico	174	251	66	318	199	185	94	290
Físico	59	261	43	291	148	180	140	180
Virtual ( <i>Cyberbullying</i> )	5	88	4	92	31	65	60	36
	332	698	196	820	484	516	140	678

Ainda que, as respostas sobre os diferentes tipos de *bullying* não possam ser comparadas com tratamento estatístico mais apurado, deve-se lembrar de que a pesquisa não foi feita para comparar resultados ou mensurar as diferenças entre os tipos de *bullying*, mas, sim, em princípio ouvir a voz das meninas sobre a violência na escola e a sua participação nesse cenário. Informações que serviriam como pontos-chaves para novos rastreamentos indispensáveis a esse tipo de conhecimento.

Enfim, o trabalho realizado, enquanto vinculado ao objetivo geral de identificar e descrever a ocorrência das condutas agressivas mais frequentes, postas em prática pelo sexo feminino, em uma escola de Maringá da rede de Ensino

Fundamental do Estado do Paraná, de certa forma, oferece resultados que servirão não só para futuras investigações, como possibilita, os professores dessa instituição pesquisada, conhecer melhor o perfil que as adolescentes desenham de si mesmas.

O questionário, no entanto, não ofereceu condições para tratamentos estatísticos mais sofisticados, o que leva a exigência de, em novas pesquisas, redimensionar a elaboração não só de questões como, também, do número delas, na perspectiva de comparações possíveis através de testes de significância previamente selecionados.

Mesmo assim, ouvir a voz da aluna que não tem nenhum conhecimento sistematizado sobre a violência escolar, ou, ainda, que não participou de nenhum programa ou projeto de superação de hostilidades, ou de educação para a cidadania, é importante porque permite estimar o grau de naturalidade com que ela responde ou com que ela dimensiona as questões sobre a violência.

Nesse sentido, convém assinalar que, de acordo com a Tabela 5, as frequências mais altas, por ordem, se situam nas negações como: a) não ouviram muitos comentários, frases, ou depoimentos de colegas, sobre quaisquer atos violentos na escola; b) não sofreram, ou não foram vítimas com frequência de atos de *bullying* em geral; c) não praticaram atos fisicamente agressivos com seus colegas em número superior aos ataques, já somados, cometidos por elas.

Tais respostas oferecidas pelas alunas levam a novas questões, para novas dúvidas, que podem ser, assim, sintetizadas, a seguir, nas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as possibilidades abertas a novos estudos, novas hipóteses e/ou novas propostas de investigação são apresentadas a seguir:

- As meninas não querem se comprometer oferecendo informações sobre a violência entre o (a)s colegas?
- Há um consenso entre elas que as qualifica como “desconhecedoras das atitudes e/ou dos comportamentos violentos de sua realidade escolar”?
- As alunas não se sentem como depoentes oficiais, ou melhor, como tendo domínio ou, ainda, autoridade, para falar com clareza e objetividade sobre a existência da violência na escola?
- A subjetividade comanda as informações sobre a violência na realidade estudantil?
- O *bullying* psicológico deve ser mais investigado, porquanto difícil de ser detectado ou explorado em função de certo pacto de silêncio entre os envolvidos?
- O *bullying* psicológico deve ser mais investigado na perspectiva da nova identidade da mulher que perde de vista o perfil feminino de ingenuidade e romantismo?
- O *bullying* feminino deve ser investigado também mantendo a perspectiva da classe social?

Como já dito anteriormente, as atitudes e comportamentos de violência, no ambiente escolar é um desafio para os professores e para toda a comunidade escolar. A conscientização por meio dos programas *anti-bullying*, realizados na escola, somente quando processo planejado e sistematizado, pode fazer com que os agressores entendam a extensão antissocial de seus atos, e, por esse mesmo caminho, estimular as vítimas a perceberem e a agirem em busca de ajuda. Para isso, é importante conhecer quais os tipos de *bullying* mais frequentes dentro do âmbito escolar. É importante reconhecer, pelo gênero, as diferenças das agressões entre os sexos e investir, posteriormente em programas preventivos de caráter institucional.

No Brasil, em 2002 e 2003, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) desenvolveu o *Programa*

*de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*, considerando três premissas fundamentais para obtenção de resultados positivos. A primeira, leva a escola a pesquisar sua própria realidade, obtendo informações dos alunos quanto a percepção que eles têm do *bullying* na instituição. A segunda, pontua a importância de parcerias, levando os professores a incentivar discussões com outros profissionais, com pais e comunidade. A terceira, propõe a formação de um grupo de trabalho, composto por professores, funcionários da escola, alunos e pais, com o objetivo de definir as ações e as táticas a serem utilizadas no controle e prevenção de violências entre os pares.

Com essa orientação ampla, a ABRAPIA afirma não existirem soluções simples para combater o *bullying*. A única maneira de se combater o *bullying* seria por meio da informação e cooperação de todos os envolvidos, professores, funcionários, alunos e pais.

Acentuando, finalmente, a gravidade dos danos causados na saúde mental pelo *bullying*, considera-se investimentos sistematizados nas escolas contra a violência como propostas necessárias. Sugere-se que elas, além de manter levantamentos sistemáticos sobre o *bullying* em seu espaço educativo, organizem planos de ação para a educação para o civismo

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, M. G. **Violência nas Escolas**, Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ALVES, Rubem. A forma escolar da tortura. **Jornal Folha de São Paulo**, 2005.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BANDEIRA, Cláudia Moraes. **Bullying**: auto-estima e diferenças de gênero. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Trad. Débora Guimarães Isidoro. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

CARDIA, Nancy. **Atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em dez capitais Brasileiras**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1999.

CARVALHOSA, Susana de Fonseca de; LIMA, L.; MATOS, M.G. de. *Bullying* – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica** (2002), 4 (XX): 571-585.

CARPENTER, Deborah e FERGUNSON, Chrispher. J. **Cuidado! Proteja seus filhos do Bullies**. São Paulo: ed. Butterfly, 2011.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying**: como combatê-lo? Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas**: dez abordagens europeias. Brasília: UNESCO, 2002.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas – SP: Verus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6 ed. Campinas – SP: Verus, 2011.

FRANCISCO, Marcos Vinícius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia Reflexão e Crítica**. [online]. 2009, vol.22, n.2, pp. 200-207, ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>.

FREIRE, Isabel P.; SIMÃO, Ana M. V; FERREIRA, Ana. S. O estudo da violência entre pares do 3 ciclo do ensino básico:um questionário aferido para a população

escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

LECANNELIER, Felipe; VARELA, Jorge; RODRÍGUEZ, Jorge; HOFFMANN, Marianela; FLORES, Fernanda; ASCANIO, Lorena. Validación del Cuestionario de Maltrato entre Iguales por Abuso de Poder (MIAP) para escolares. **Revista Médica Chile**, Santiago, v. 139, n. 4, abr. 2011. Disponible en <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-98872011000400009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-98872011000400009&lng=es&nrm=iso)>. accedido en 10 jun. 2012. doi: 10.4067/S0034-98872011000400009.

LISBOA, Carolina S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relação de amizade entre crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil, 2005.

LOPES, Aramis A.A.N. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. (Rio J.) [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., pp. 164-172. ISSN 0021-7557. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> > Acesso em 01 de abril de 2012.

NAGEL, Lizia. H. **Subsídios para o Relatório de Pesquisa**. Texto em xerox. Uso restrito. Maringá, CESUMAR, 2013.

RUSCH, Sabrina Gomes de Souza; MAIA, Denise da Silva. Trabalho grupal com meninas contra o *bullying* : relato de experiência. **Psicologia**. Portal dos psicólogos. In [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt) documento produzido em 24.09.2011. Acessado em 20 de junho de 2013.

SELLTIZ, JAHODA, DEVSCH & COOK. **Métodos de pesquisas nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.

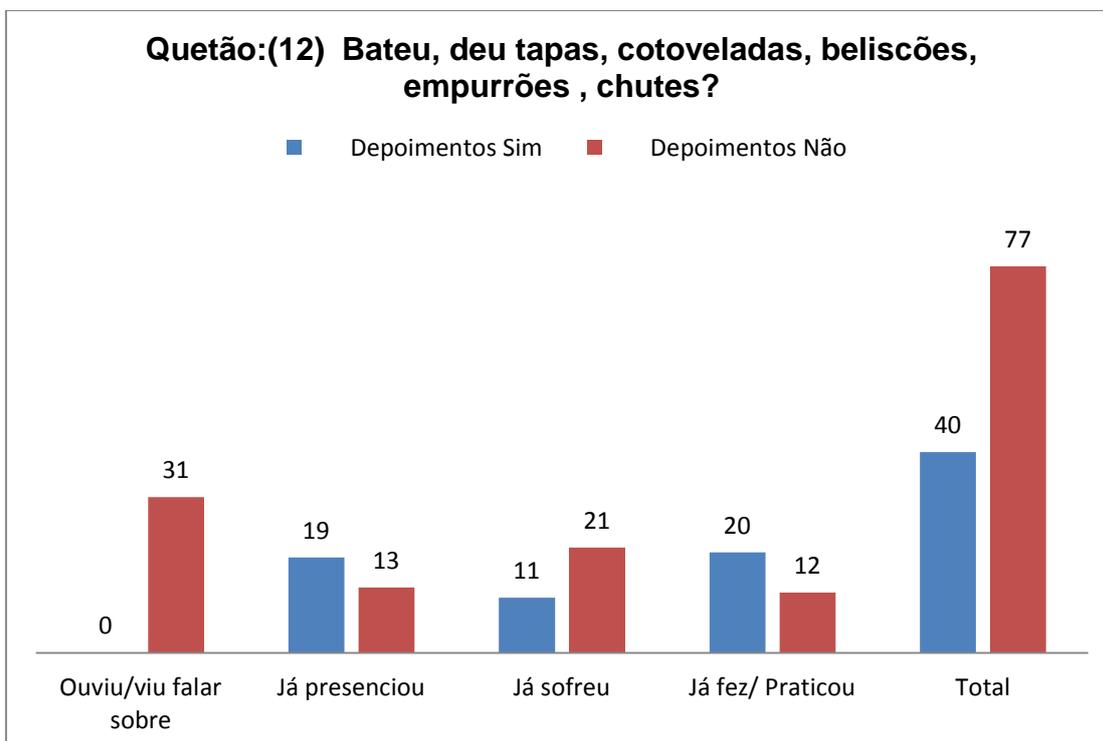
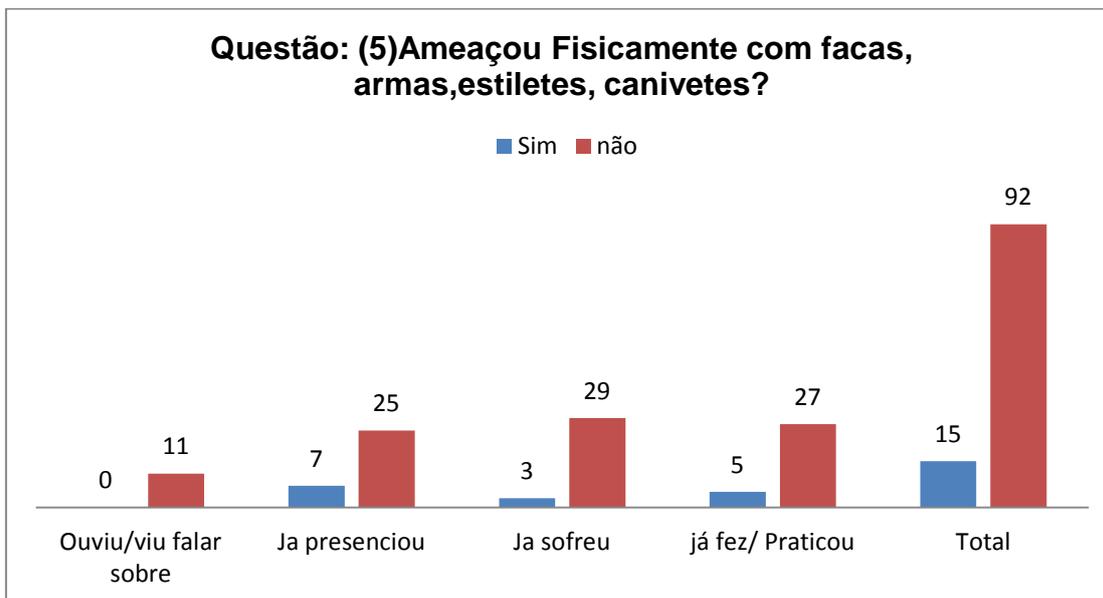
SIMMONS, Raquel. **Garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão entre meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

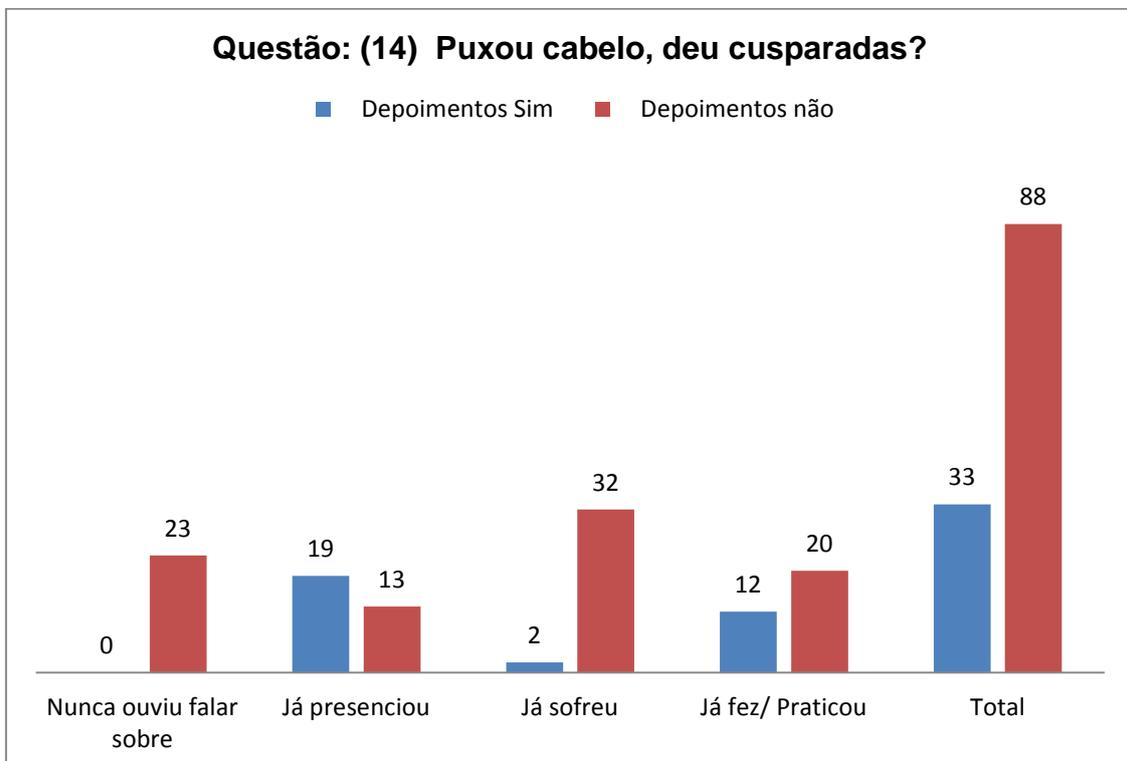
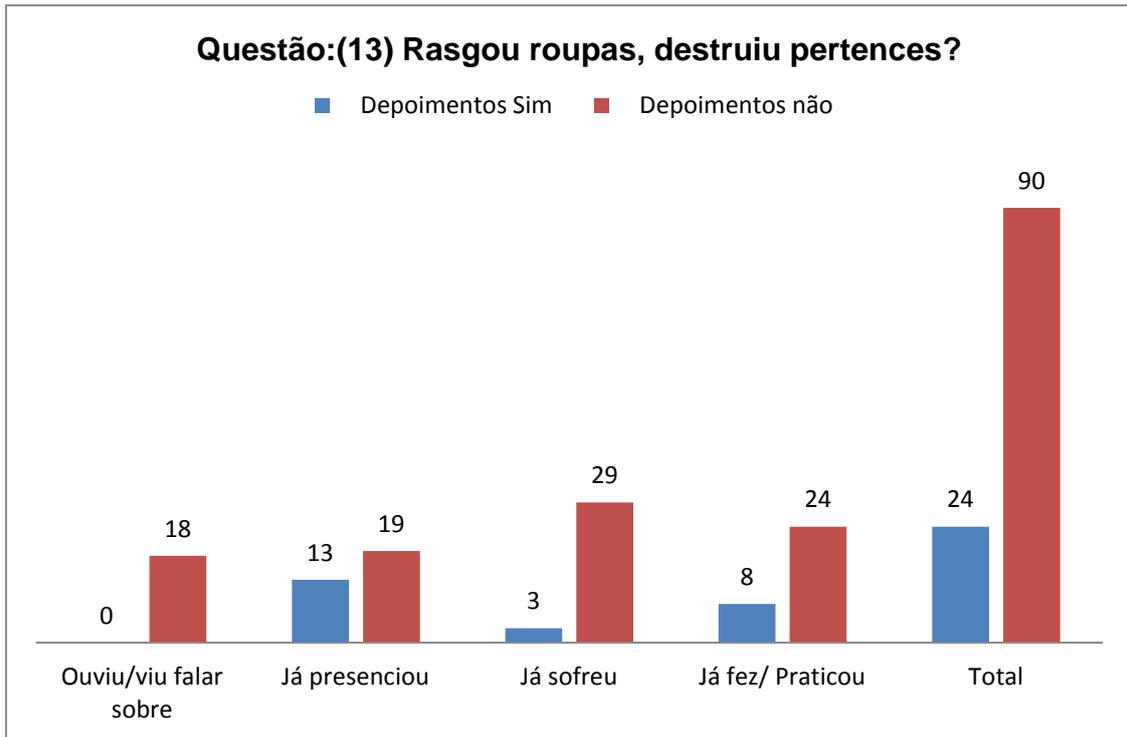
SIQUEIRA, Aline Cardoso; ALVES, Cássia Ferrazza; LEÃO, Flávia Elso. Enfrentando a violência: a percepção de profissionais da educação sobre a violação dos direitos de crianças e adolescentes. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 365-380, maio/ago. 2012.

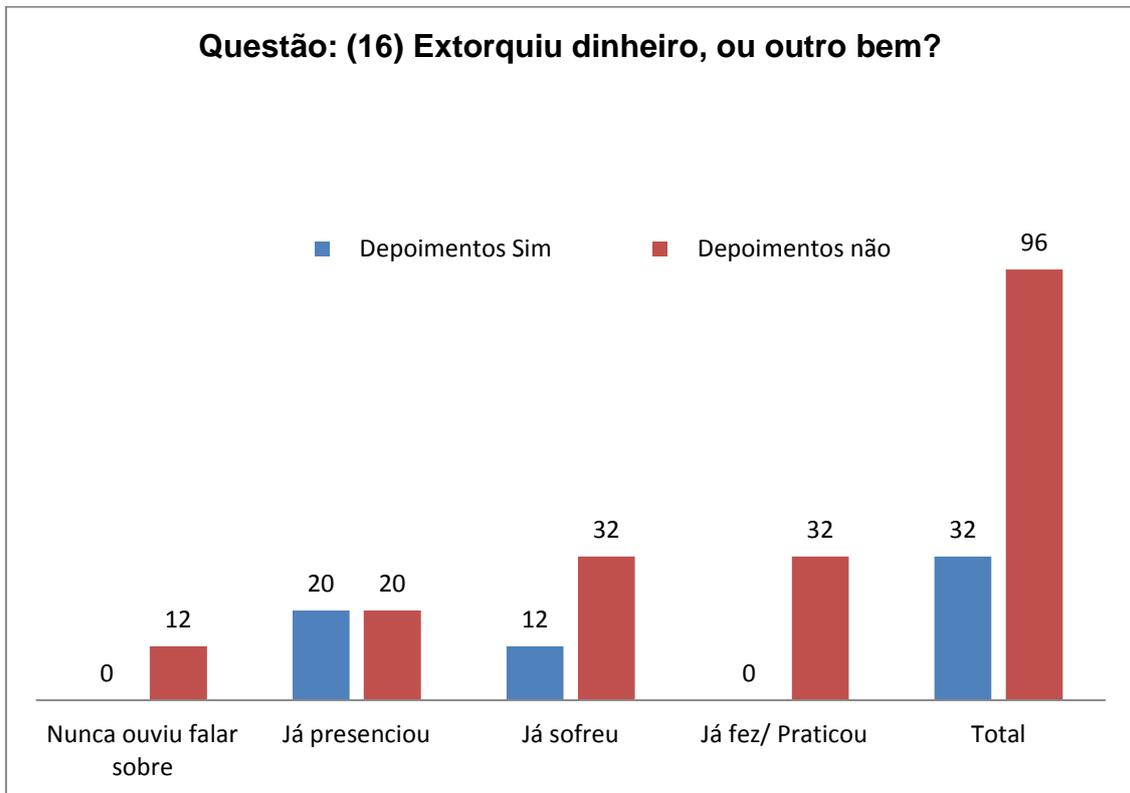
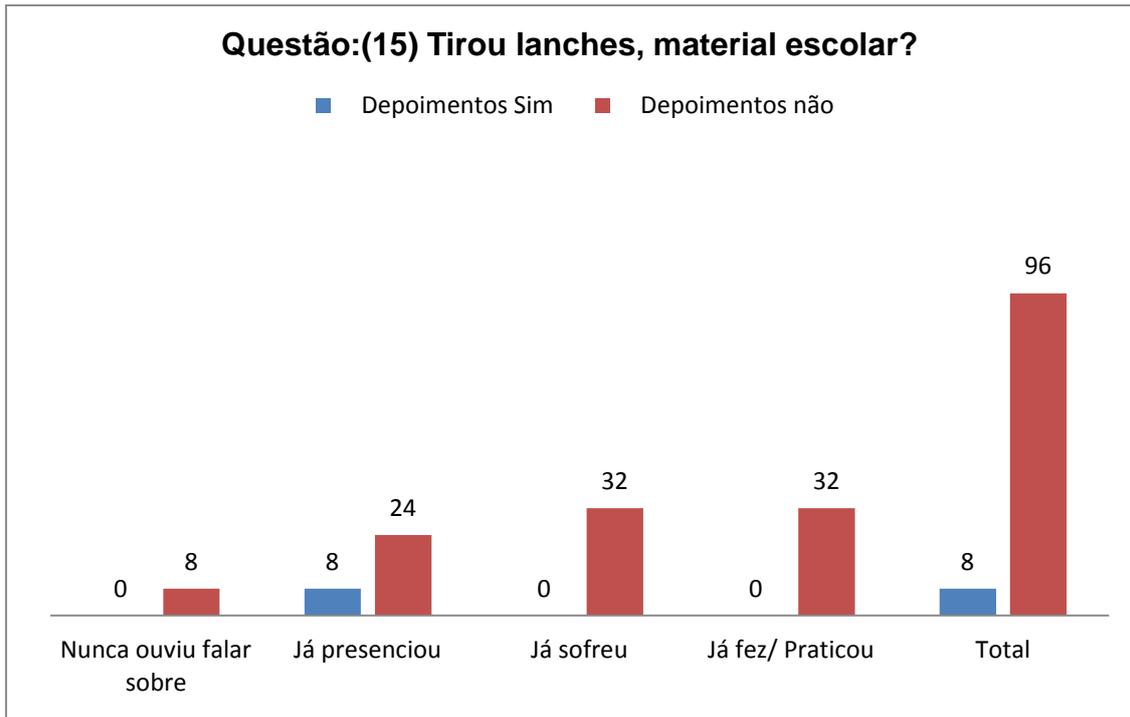
SPOSITO, Marília. Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.27, n.1, p.87-103, jan./jun. 2001. THOMÉ, C. Estudo mostra efeitos de humilhação de jovens. **Jornal Folha de São Paulo**, 2004.

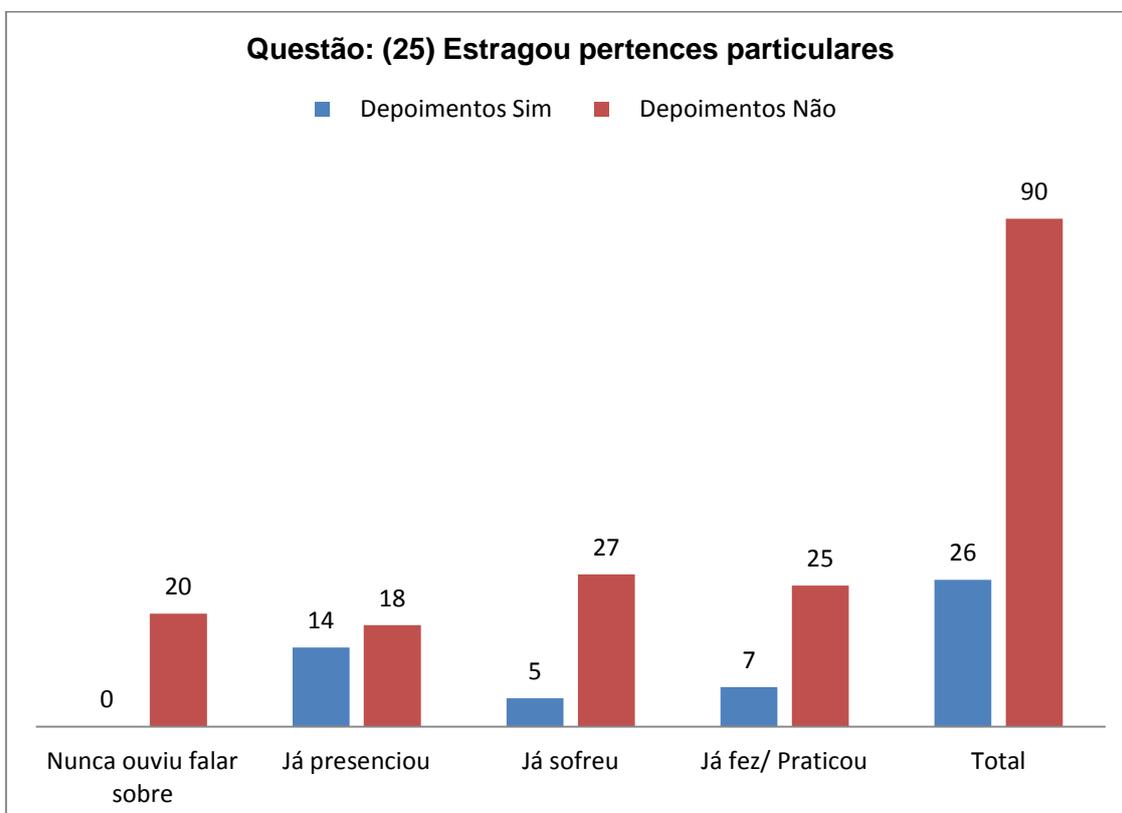
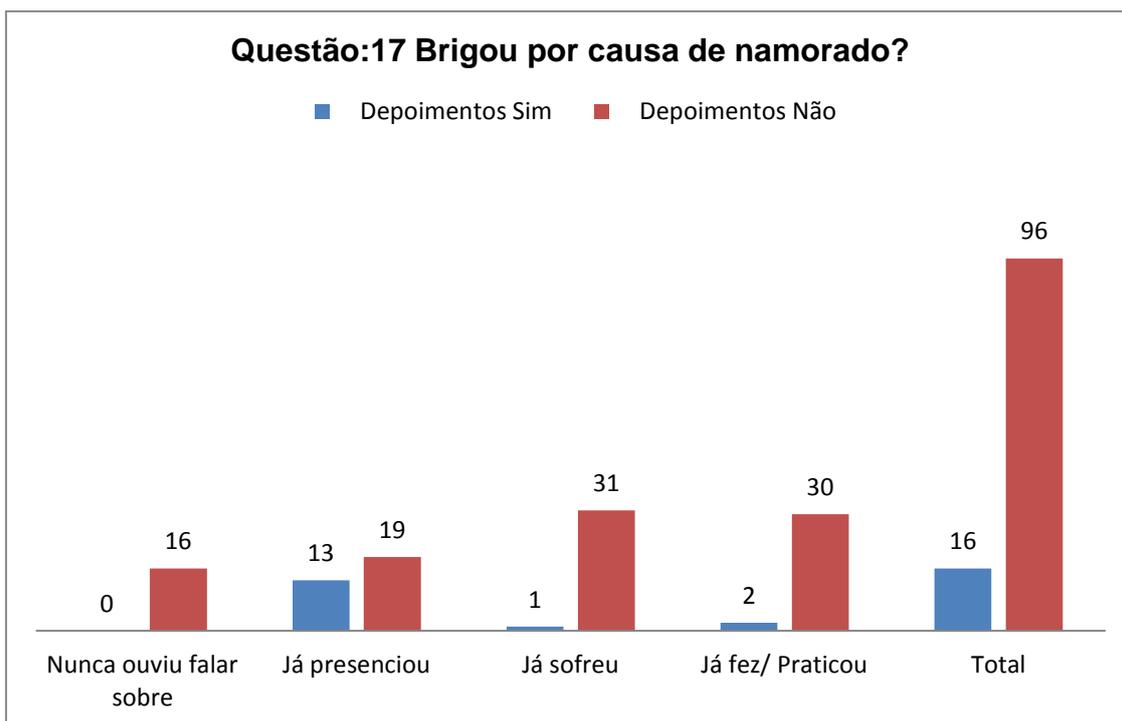
**ANEXOS**

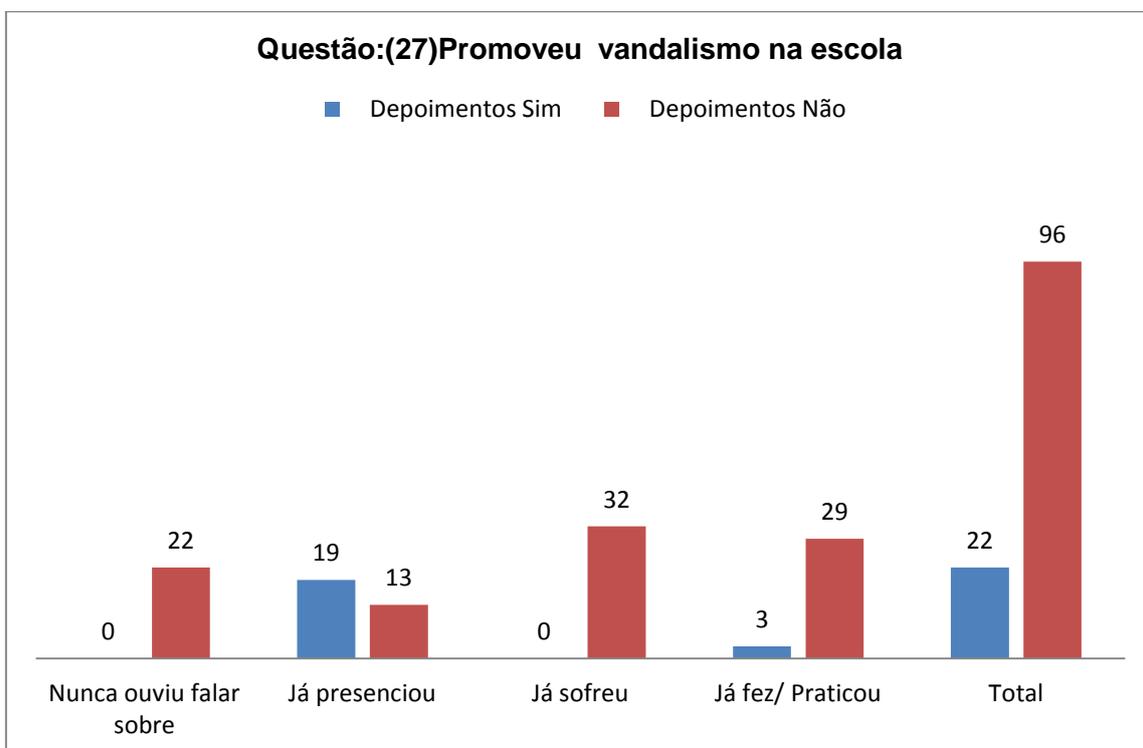
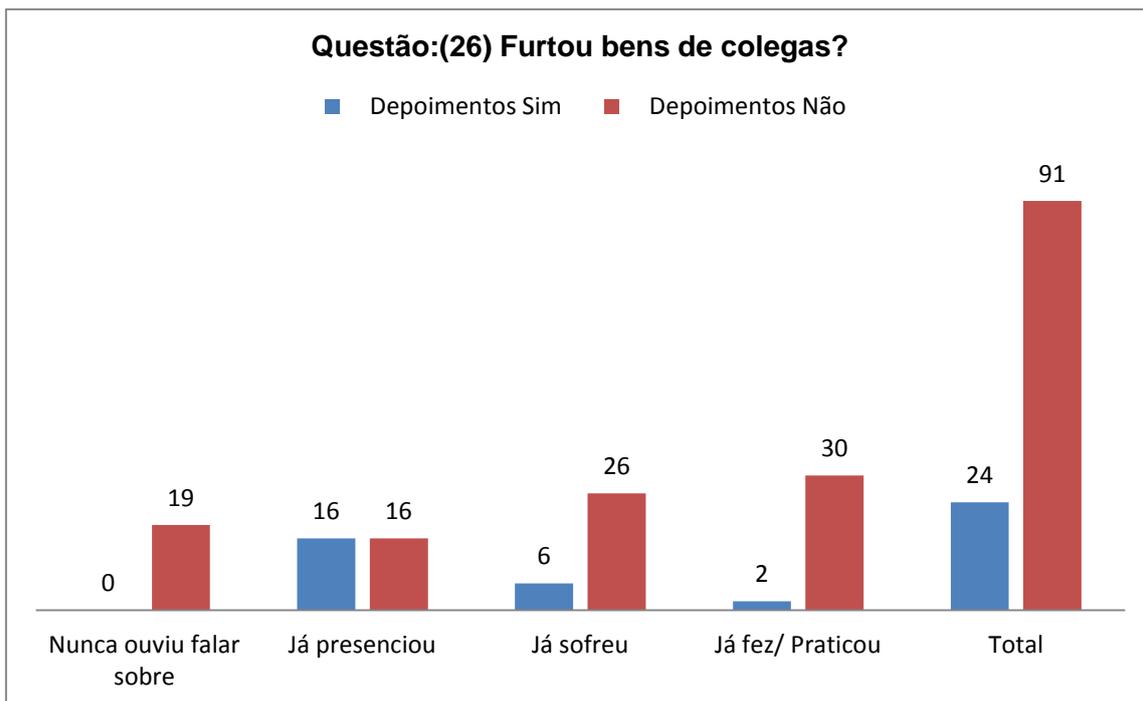
### Bullying Físico

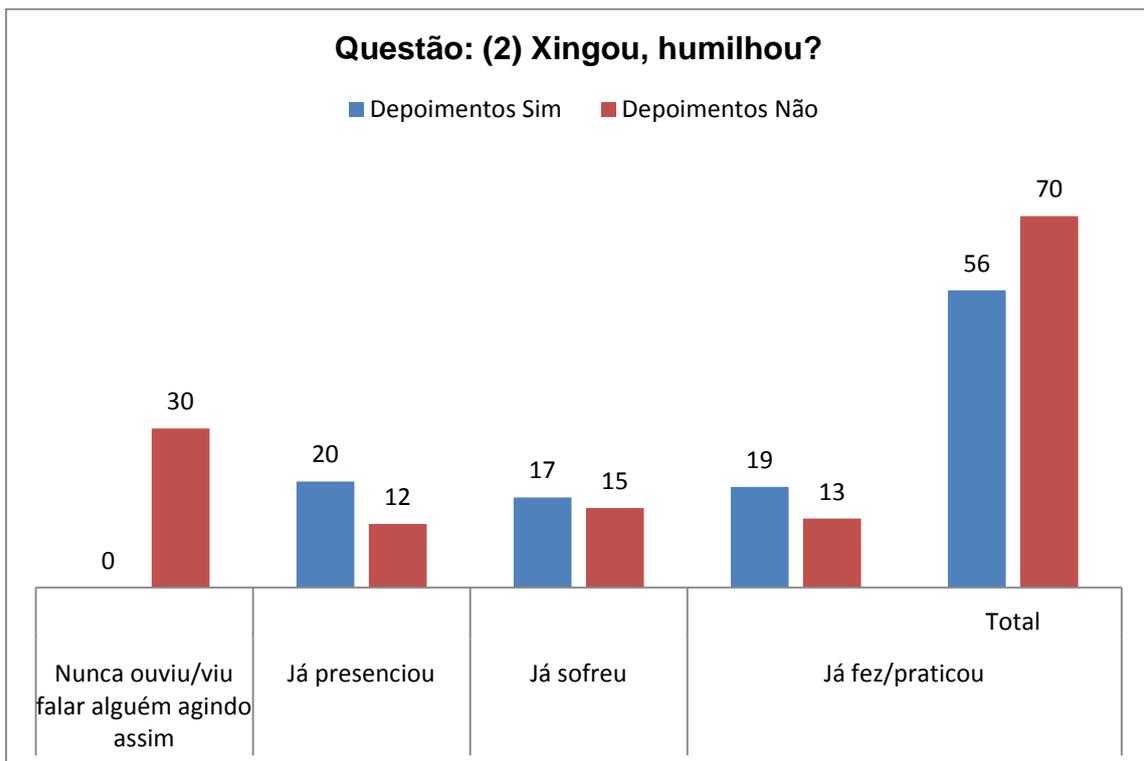
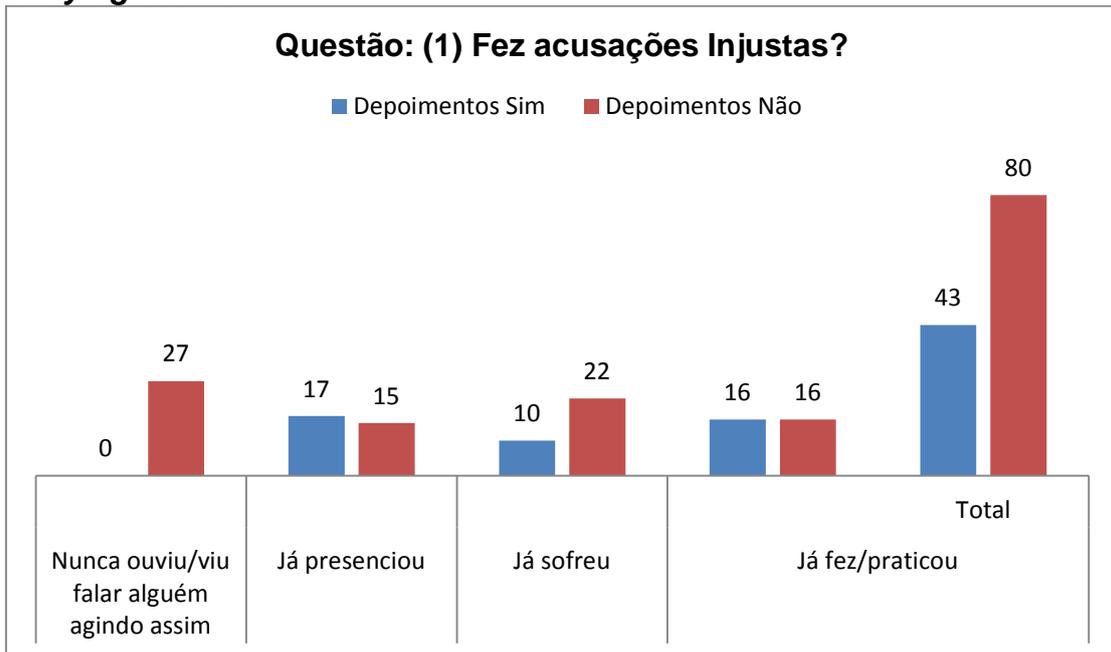


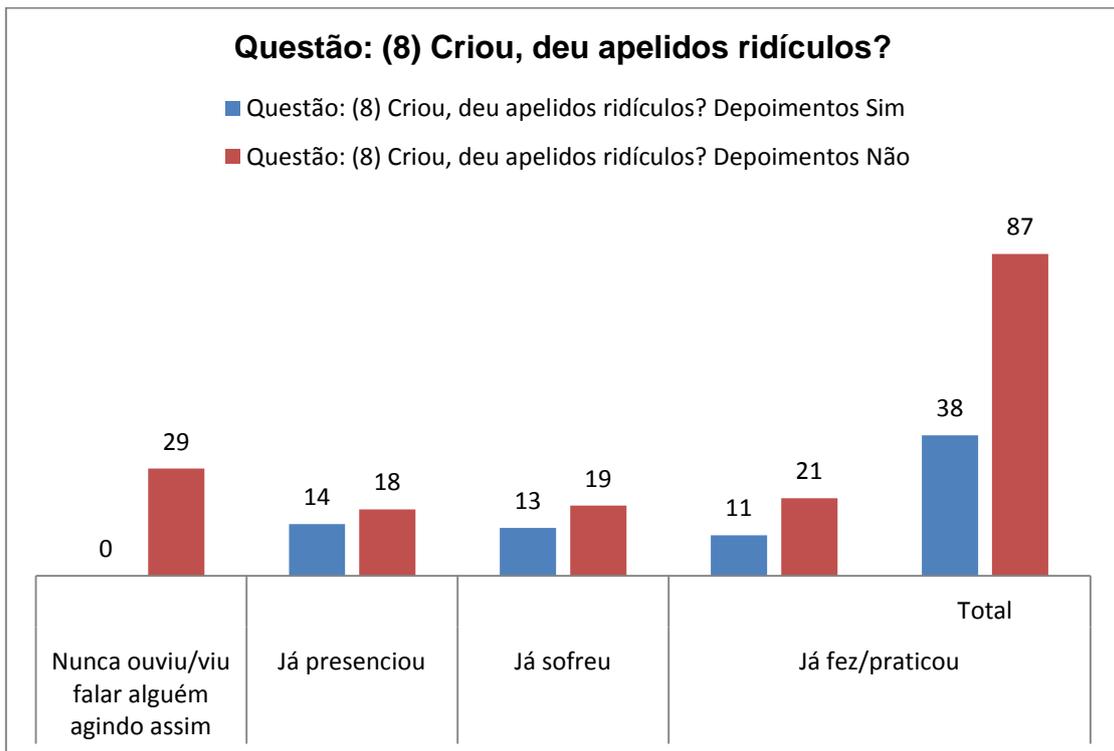
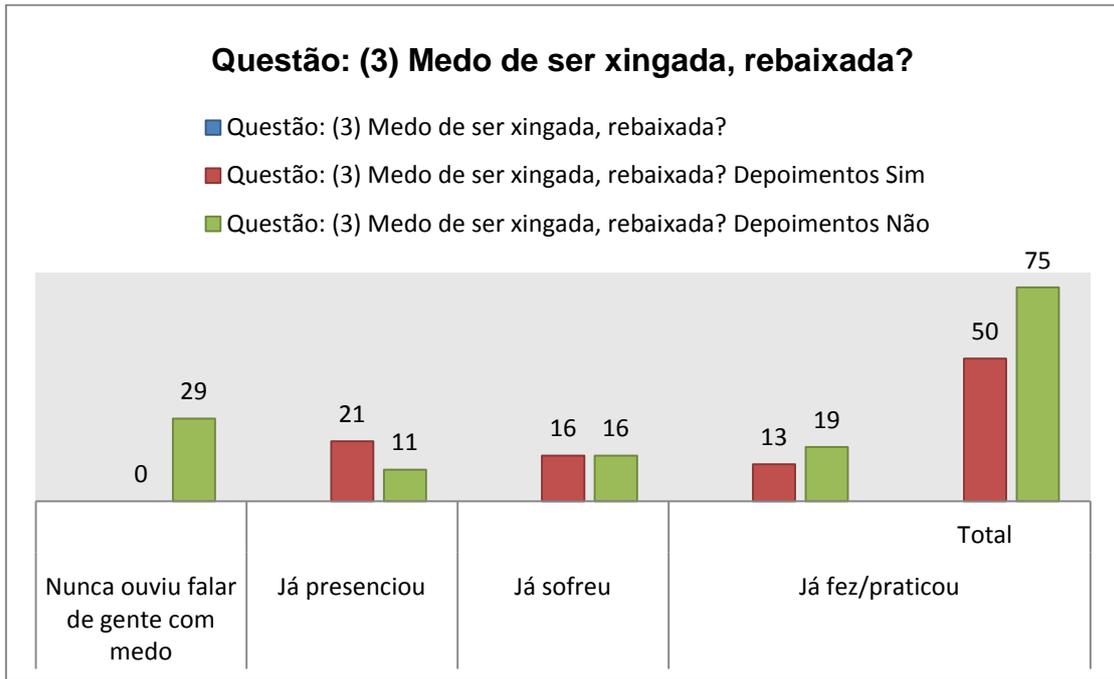


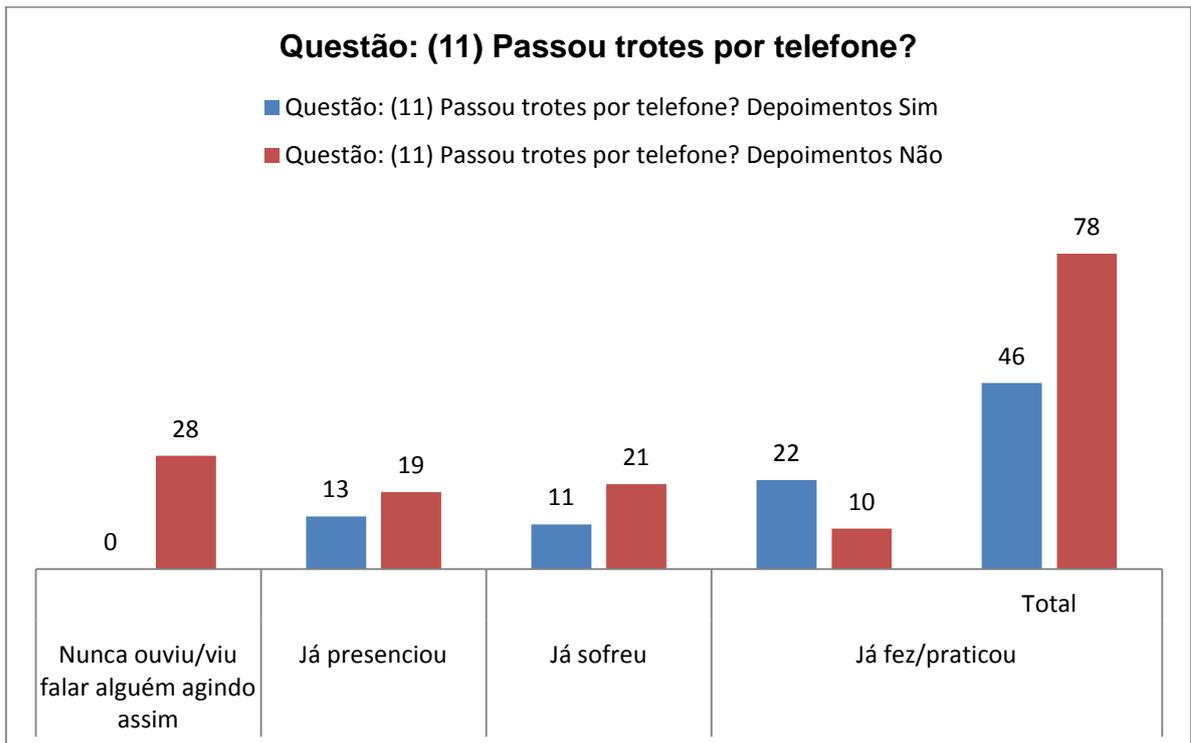
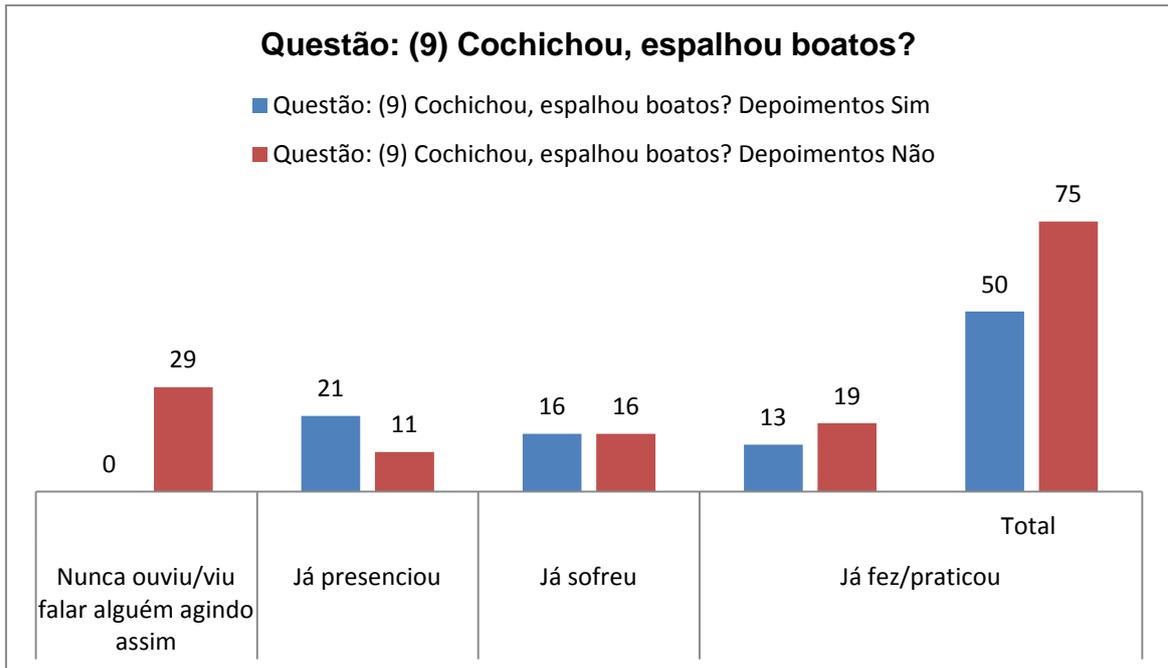




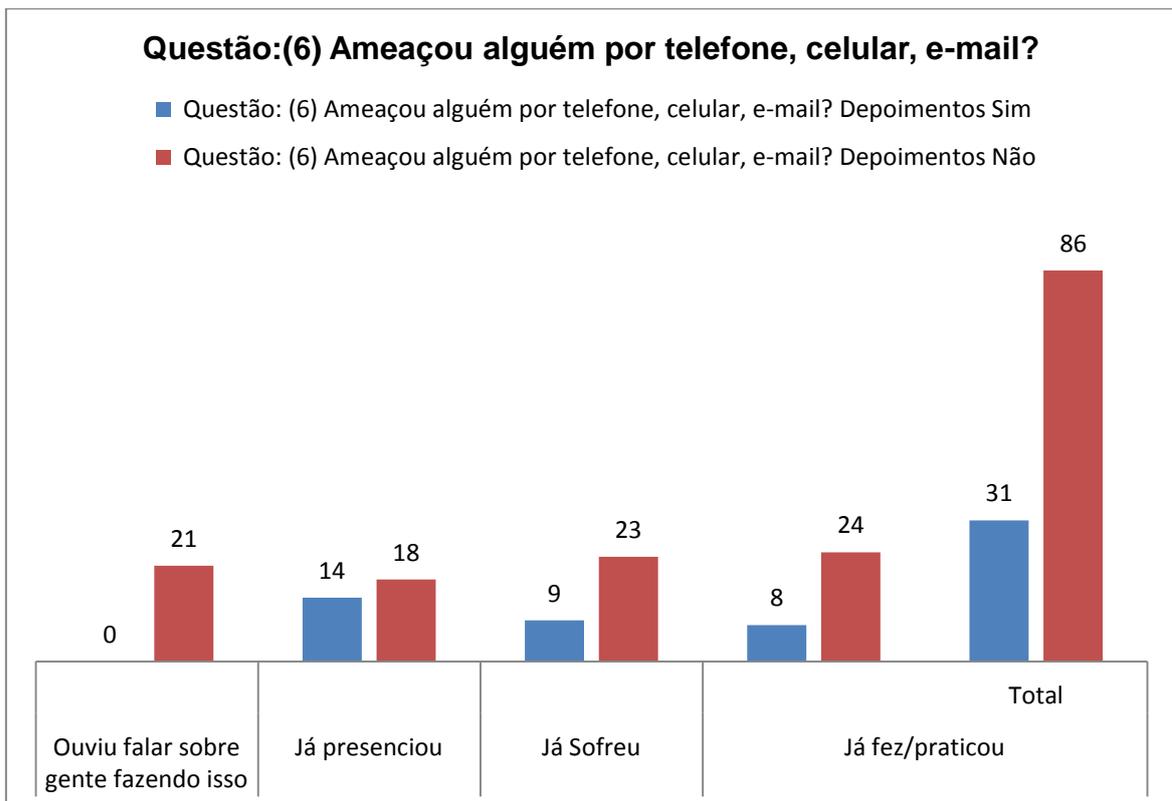
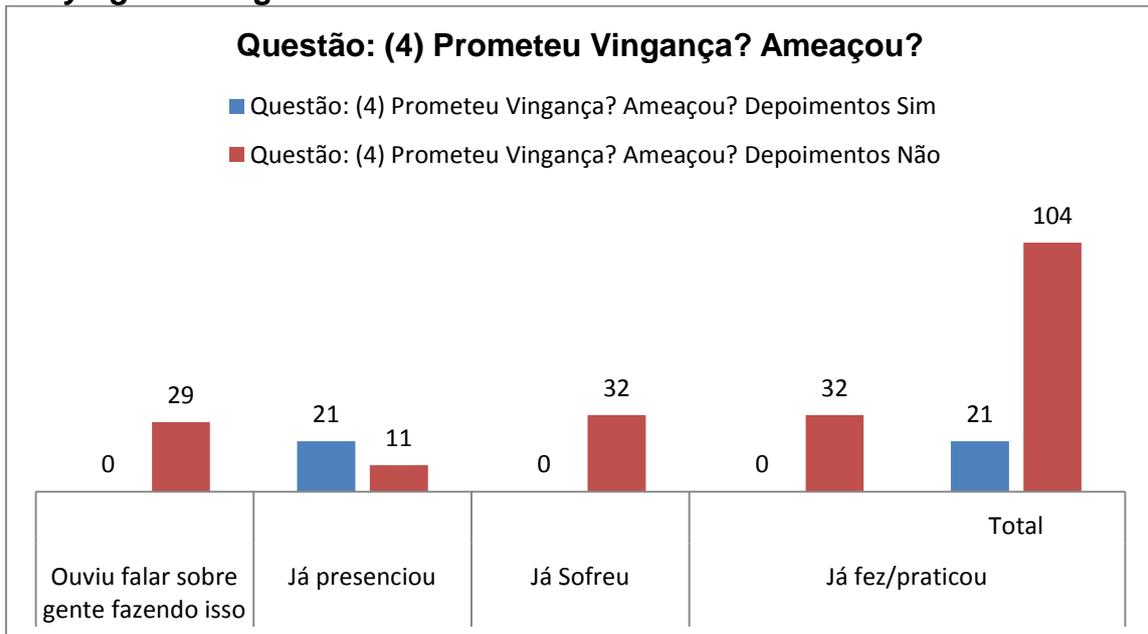


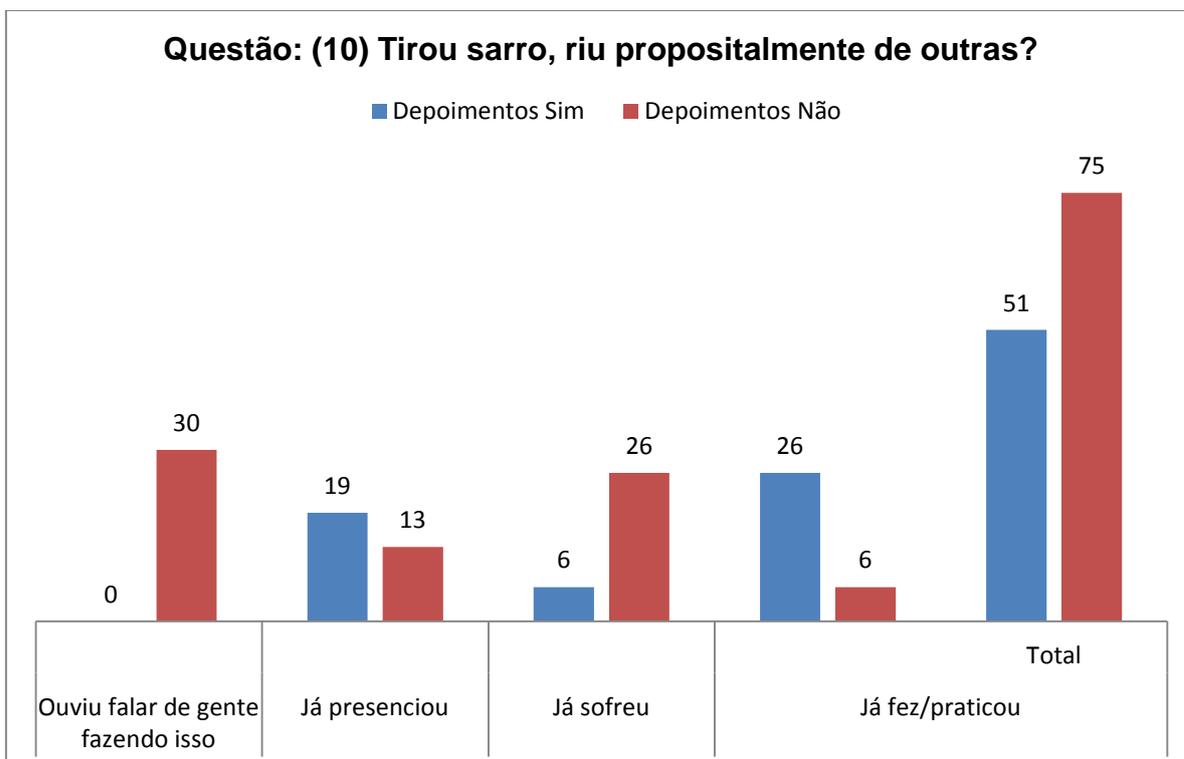
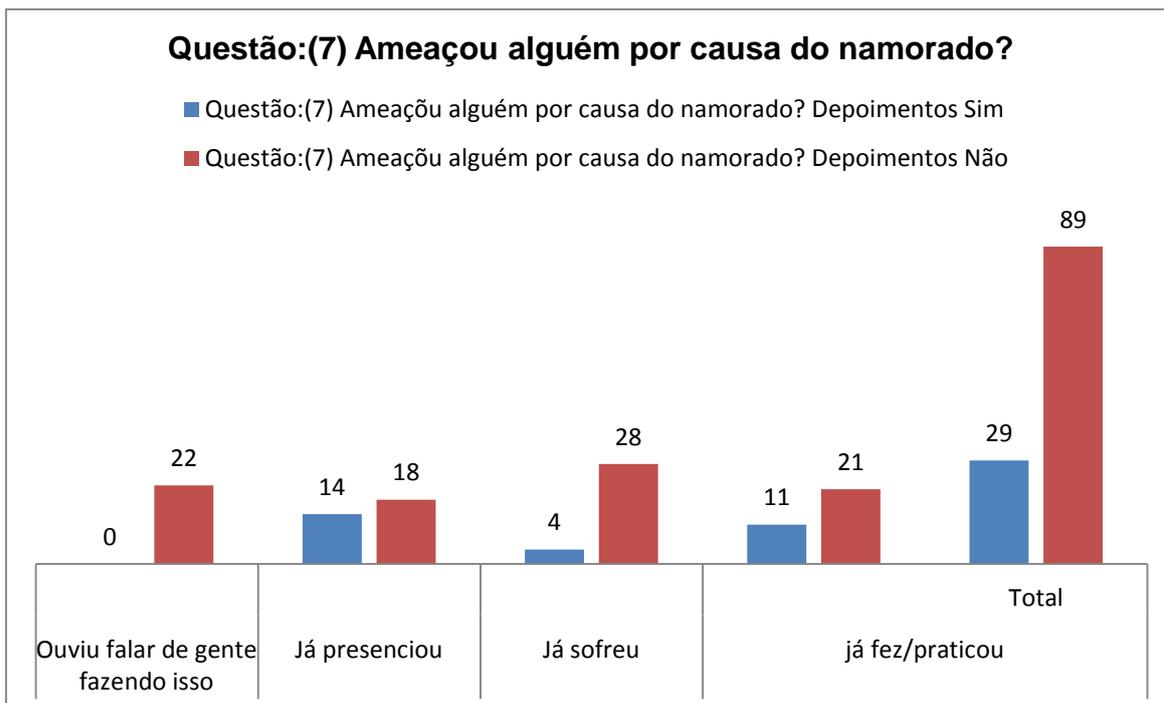
**Bullying verbal**





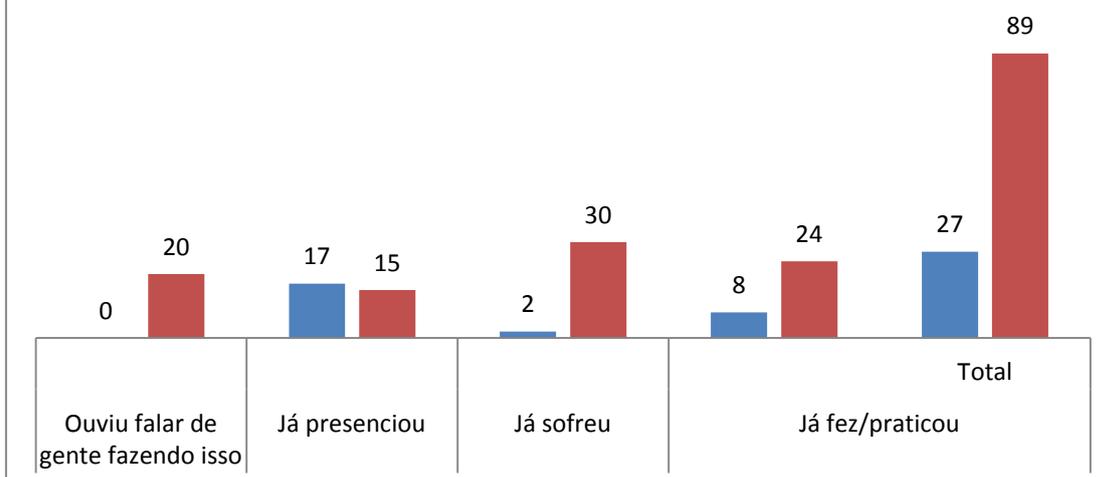
### Bullying Psicológico





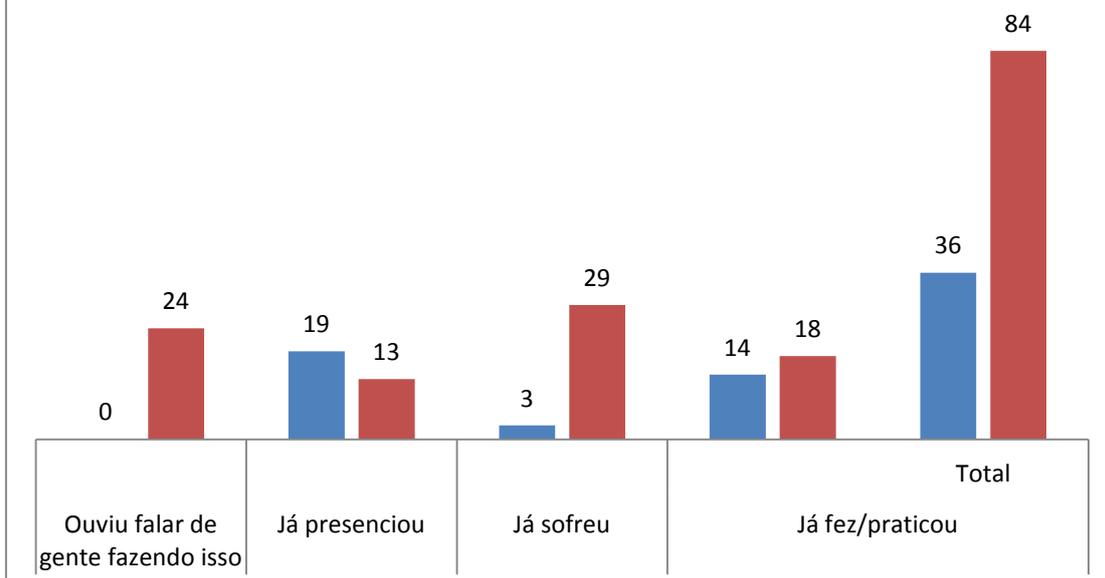
### Questão: (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la?

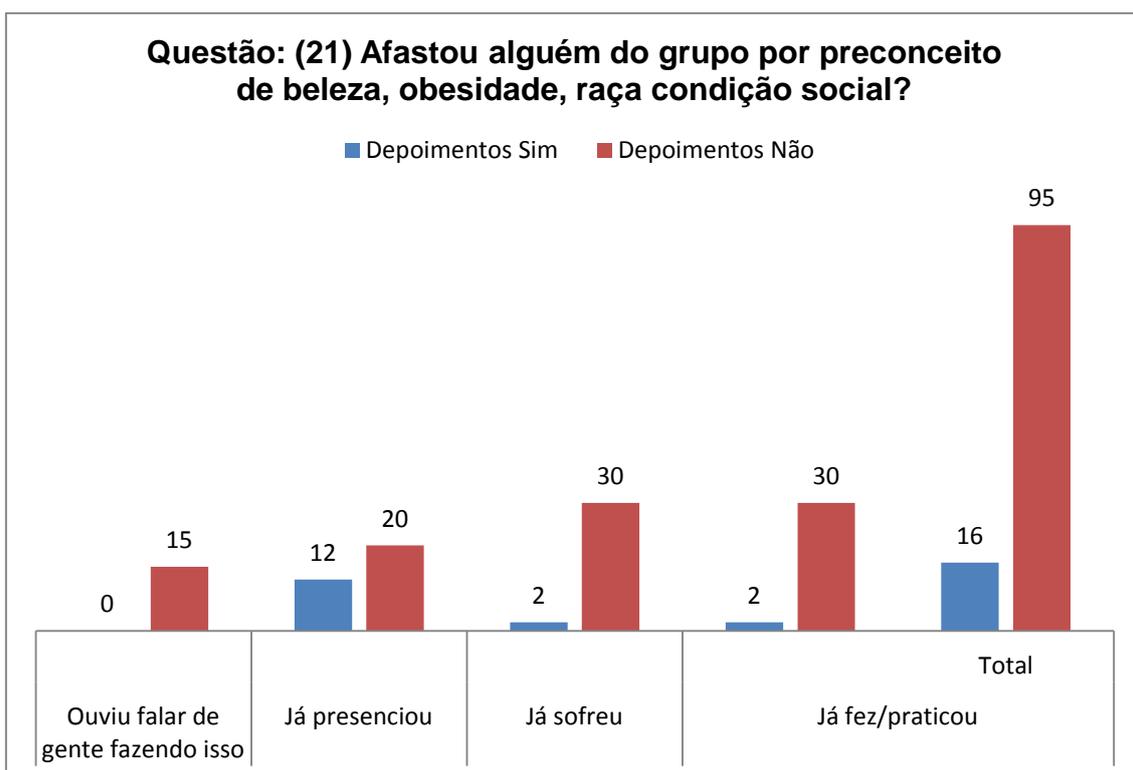
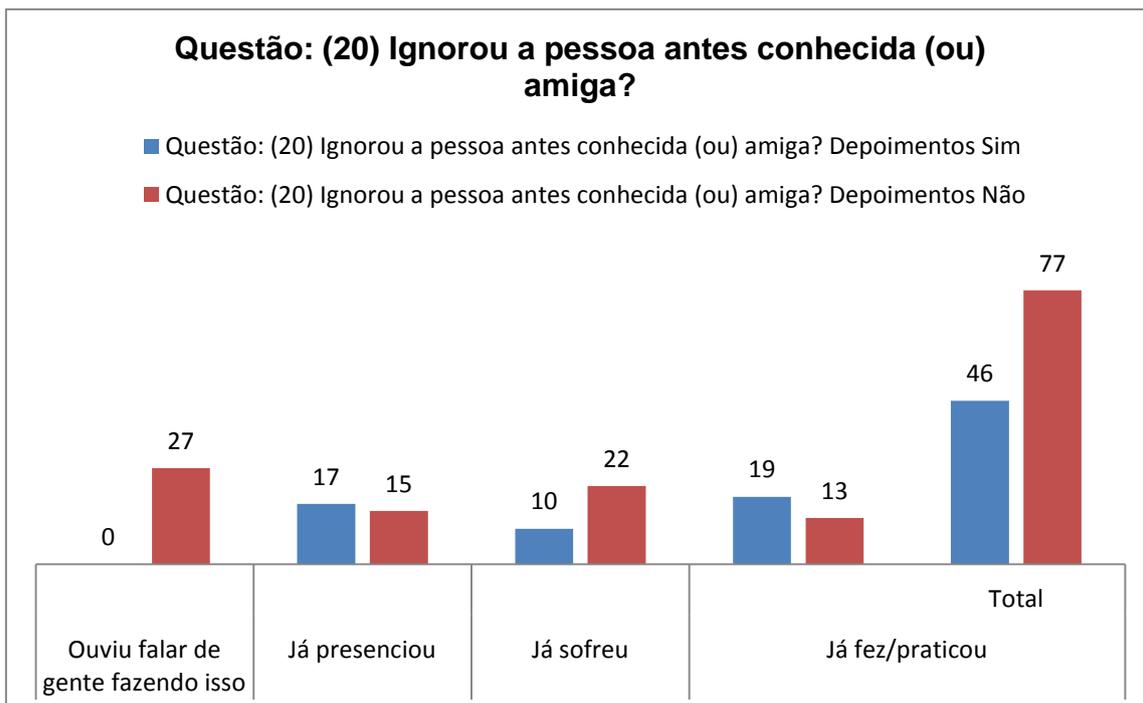
- Questão: (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la? Depoimentos Sim
- Questão: (18) Isolou alguém, como castigo por desobedece-la? Depoimentos Não

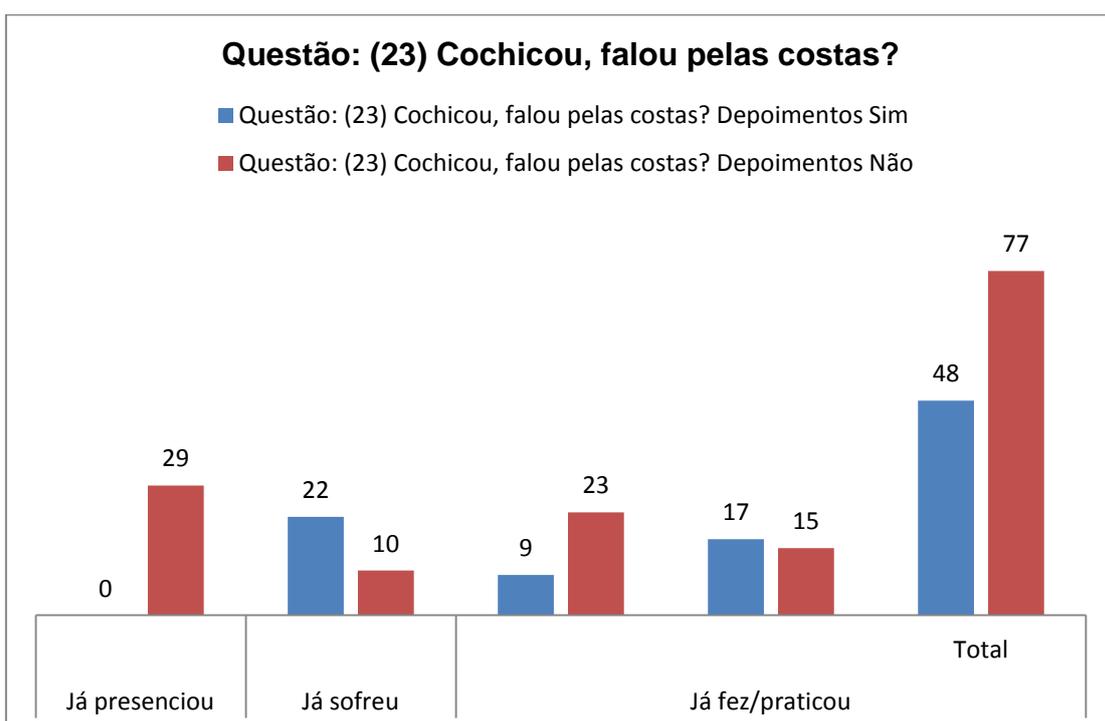
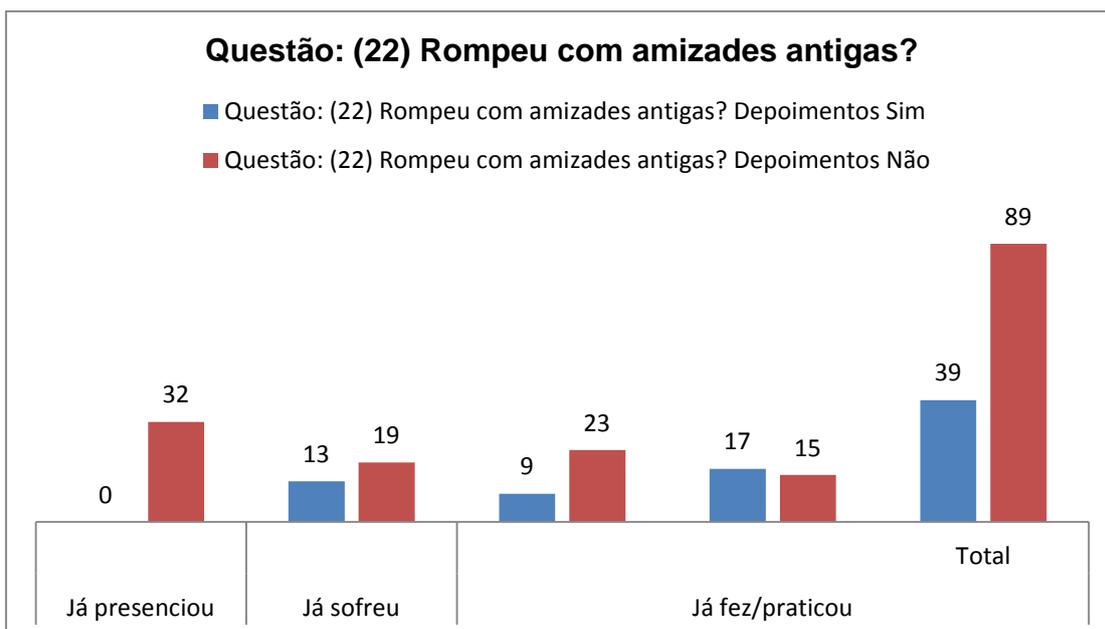


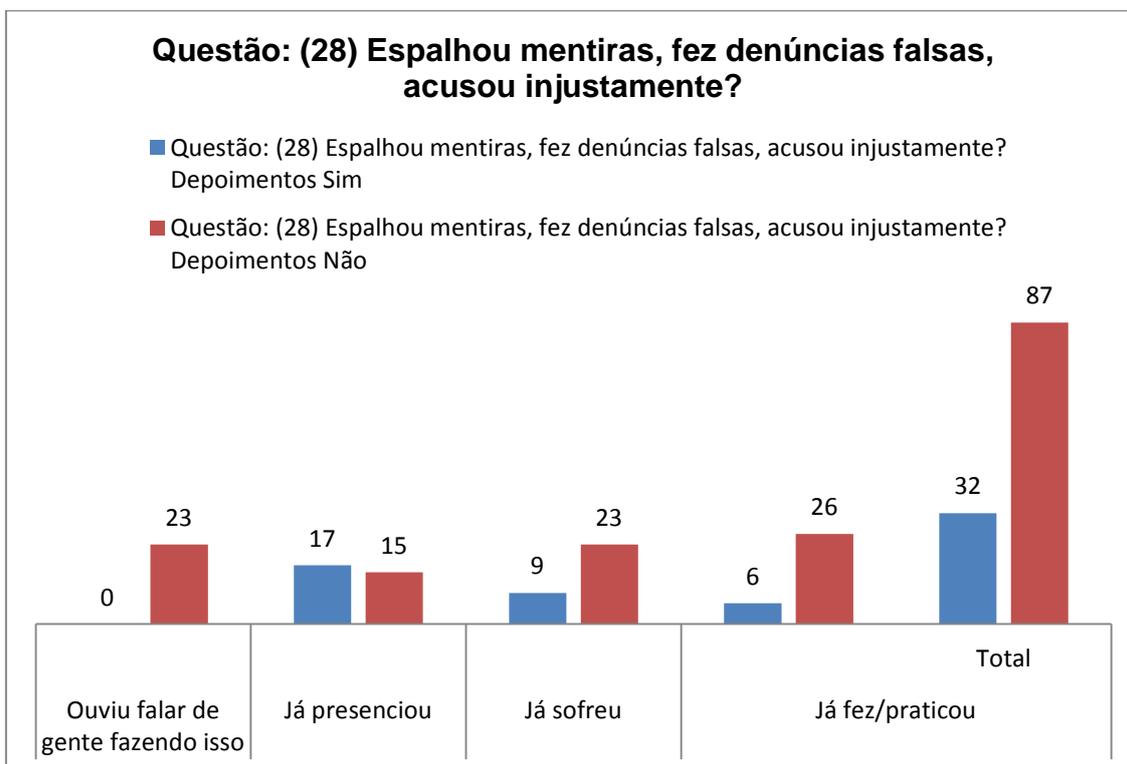
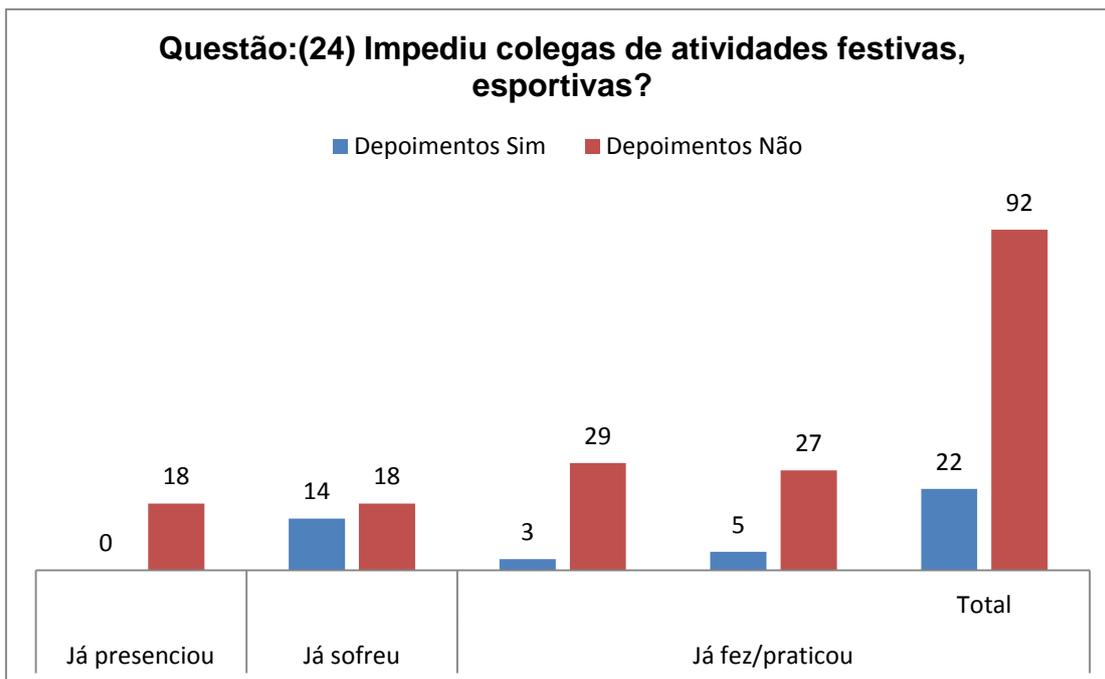
### Questão: (19) Excluiu alguém de seu grupo?

- Questão: (19) Excluiu alguém de seu grupo? Depoimentos Sim
- Questão: (19) Excluiu alguém de seu grupo? Depoimentos Não

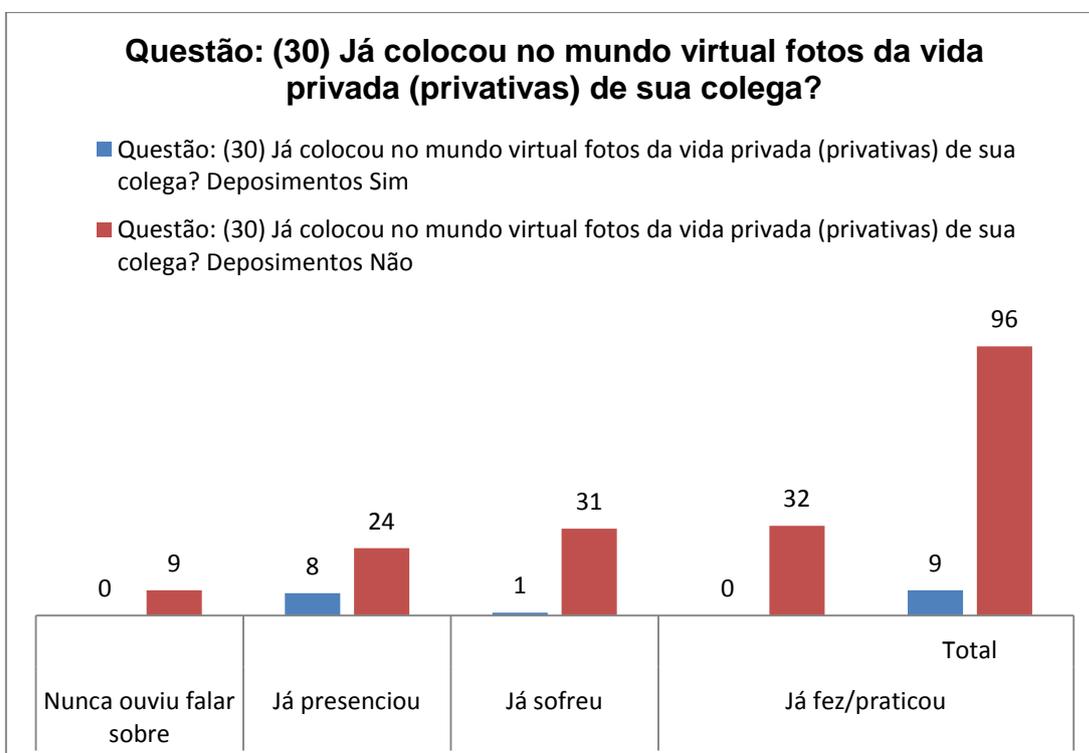
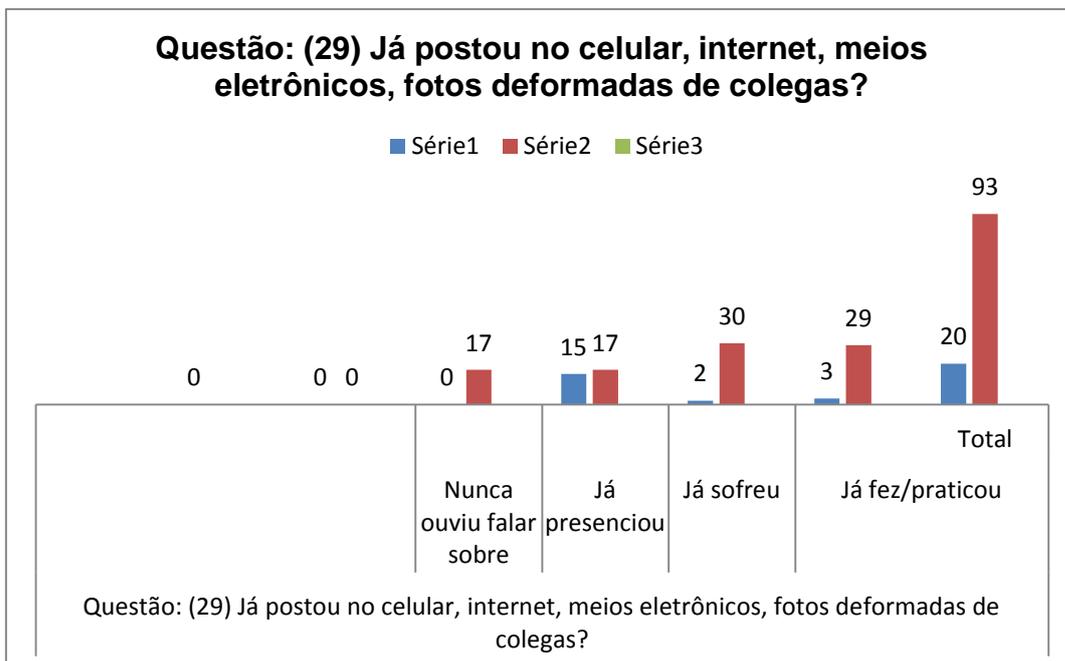


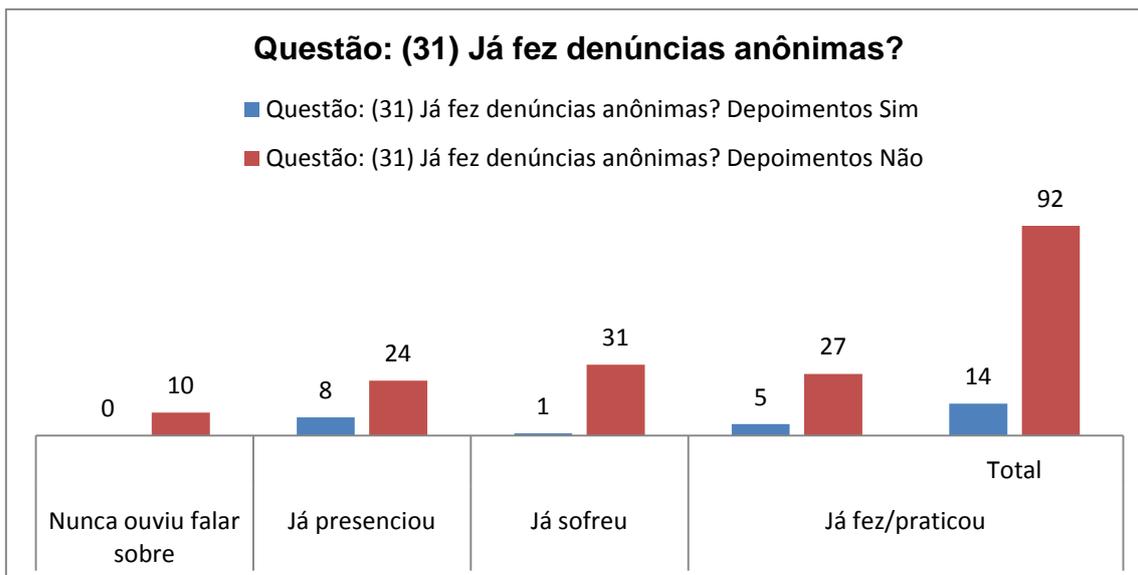






## Cyberbullying





**APÉNDICE**

## INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. As frases a seguir mostram experiências que acontecem em qualquer escola. Assinale com um X aquelas que você já presenciou, já sofreu, já fez, ou nunca ouviu, nunca presenciou, nunca viu.

**EXPERIÊNCIAS**  
**SITUAÇÕES VIVIDAS POR VOCÊ OU POR ALGUMA(S) COLEGA(S) NA ESCOLA**

<p><b>1-Acusar injustamente uma pessoa.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu acusação ( )</p> <p>Já acusei ( )</p>
<p><b>2-Xingar chamando de “machona”, “vagabunda”, “prostituta”, “suja”, “vesga”, “burra” ou com outra palavra parecida.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu xingamento ( )</p> <p>Já xinguei ( )</p>
<p><b>3-Ter medo de ser xingada.</b></p> <p>Nunca viu alguém com medo ( )      Já sentiu medo de alguém ( )</p> <p>Já fiz alguém passar medo de ser xingada ( )</p>
<p><b>4-Prometer vingança dizendo “Você vai pagar” ... “Vou te pegar na saída da escola” ...</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu ameaça ( )</p> <p>Já ameacei ( )</p>
<p><b>5-Ameaçar fisicamente com facas, armas, estiletes, canivetes.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu ameaça ( )</p> <p>Já ameacei ( )</p>
<p><b>6-Ameaçar por telefone, celular, por bilhete, por e-mail.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu ameaça ( )</p> <p>Já ameacei ( )</p>
<p><b>7-Ameaçar uma menina por causa do seu namorado.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já sofreu ameaça ( )</p> <p>Já ameacei ( )</p>

<p><b>8-Dar apelidos que magoam como “gorda”, “balofa”, “feia”, “macaca”.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já recebeu apelidos ( )</p> <p>Já apelidei ( )</p>
<p><b>9-Cochichar, espalhar boatos.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )</p> <p>Já espalharam boatos de você ( )      Já espalhei fofocas ( )</p>
<p><b>10-Tirar sarro, rir das roupas, dos sapatos, da pintura, dos cabelos das outras meninas.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já tiraram sarro de mim ( )</p> <p>Já tirei sarro ( )</p>
<p><b>11-Passar trotes por telefone.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já passaram em mim ( )</p> <p>Já passei trote ( )</p>
<p><b>12-Bater, dar tapas, dar cotoveladas, beliscar, empurrar, dar chutes.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já bati ( )</p>
<p><b>13-Rasgar a roupa da pessoa, rasgar pertences.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já rasguei ( )</p>
<p><b>14-Puxar cabelo, cuspir no outro.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já fiz ( )</p>
<p><b>15-Tirar o lanche, a merenda da outra, material escolar.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já tirei ( )</p>
<p><b>16-Tirar o dinheiro da colega, o seu lanche, ou outra coisa dela, caso ela não faça algum favor.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já tirei ( )</p>
<p><b>17-Bater na colega para deixar o namorado.</b></p> <p>Nunca ouviu/nunca viu ( )      Já presenciou ( )      Já fizeram comigo ( )</p> <p>Já bati ( )</p>
<p><b>18-Isolar, excluir uma colega do grupo porque ela não quis obedecer.</b></p>

Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já exclui ( )
<b>19-Excluir alguém do grupo de colegas, excluir do grupo de amigas.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>20-Ignorar a pessoa, não prestar atenção na colega, fingir que não a vê.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>21-Afastar do grupo menina feia, negra, pobre, gorda, mal vestida.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>22-Romper com amizades antigas.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>23-Cochichar, falar pelas costas, passar bilhetinhos escondidos para poucas amigas.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>24-Impedir colegas das atividades escolares em grupos, nas equipes esportivas, nas festas.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>25-Estragar objetos, material escolar, roupas de colegas.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>26-Furtar, roubar pertences (merenda, dinheiro, caderno, livro, bolsa, roupa ...)</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>27-Quebrar vidros, cadeiras, objetos da escola.</b> Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )
<b>28-Espalhar mentiras, acusar injustamente, denunciar com falsidade.</b>

Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou ( ) Já fizeram comigo ( )  
Já fiz ( )

**29-Já postaram no celular, na internet ou no Facebook fotos deformadas das colegas para gozação?.**

Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou alguém fazendo ( )  
Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )

**30-Já postaram no celular, na internet ou no Facebook fotos que humilham mostrando a intimidade, cenas da vida privada das pessoas?.**

Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou alguém fazendo ( )  
Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )

**31-Já fez denúncias anônimas por internet?.**

Nunca ouviu/nunca viu ( ) Já presenciou alguém fazendo ( )  
Já fizeram comigo ( ) Já fiz ( )